



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Artes Aplicadas

Proposta de Manual de Guitarra, de Exercícios de Técnica, Estudos e Peças, para o Ensino Profissional, a partir do 10º ano

David Francisco Ramos Ferreira

Orientador

Professor Doutor Miguel Nuno Marques Carvalhinho

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Música - Instrumento (Guitarra Clássica) e Música de Conjunto, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Miguel Nuno Marques Carvalhinho, Professor Adjunto da Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Janeiro 2018

Composição do júri

Presidente do júri

Professora Especialista Maria Luísa Vila-Cova Tender Barahona Corrêa

Professora Adjunta da Escola Superior de Artes Aplicadas – IPCB

Vogais

Professor Especialista Pedro Miguel Reixa Ladeira

Professor Adjunto da Escola Superior de Artes Aplicadas – IPCB

Professor Doutor Miguel Nuno Marques Carvalhinho

Professor Adjunto da Escola Superior de Artes Aplicadas – IPCB

Dedicatória

Ao meu Pai e aos meus filhos Martim e Miriam!

Agradecimentos

O Reconhecimento dos contributos trazidos pelas pessoas à nossa vida, nomeadamente em determinadas fases fulcrais na nossa existência, é, na minha opinião, muito importante. Tendo em conta que esta foi uma fase crucial da minha situação pessoal e profissional, quero agradecer:

À minha Mãe que me transmitiu todos valores importantes como a determinação e força necessária para ultrapassar os momentos mais críticos.

À Elizabeth, pelo carinho, amor, atenção e pelas palavras preciosas que me fizeram refletir nos momentos em que todo o meu esforço parecia ser em vão.

Um especial agradecimento aos Professores do ensino profissional, André Costa, João Tiago, Manuel Cravo e Tiago Santos, que participaram nas entrevistas para realizar este trabalho. Tal como aos Professores do ensino superior, Dejan Ivanovic, Artur Caldeira e Pedro Rodrigues, que responderam a uma questão pertinente.

E por fim ao meu professor, orientador Miguel Carvalhinho, por todo o apoio e compreensão ao longo deste percurso da realização deste mestrado, para além de todas as orientações e do acompanhamento do mesmo, esteve sempre disponível a ajudar desde a minha entrada no ensino superior, o que me veio proporcionar oportunidades de trabalho na área do ensino. Muito obrigado professor!

Resumo

O presente relatório refere-se à Prática de Ensino Supervisionada e ao Projeto de Ensino Artístico, do Mestrado em Ensino da Música, variante de Instrumento e Música de Conjunto, da Escola Superior de Artes Aplicadas no Instituto Politécnico de Castelo Branco. O projeto decorreu de uma forma articulada na Escola de Música Canto Firme de Tomar.

A primeira parte, descreve toda a prática desenvolvida no ano letivo 2015/2016, apresentando algumas planificações das aulas lecionadas, tanto de instrumento como de classe de conjunto. É, também, feita uma caracterização do meio e da escola onde decorreu a prática, bem como a caracterização dos alunos intervenientes.

Na segunda parte, que é sobre o projeto de investigação, é feita uma proposta, de exercícios de técnica, estudos e peças para o instrumento de guitarra clássica, dirigida para alunos que entram para o ensino profissional a partir do 10º ano. Essa proposta é feita num programa curricular com uma planificação modular, especificando o que se deve trabalhar em cada módulo num total de nove módulos. São feitas entrevistas a outros professores de diferentes escolas, com vista a conhecer a sua opinião sobre alunos na mesma situação, e também a opinião de alguns professores do ensino superior, sobre a diferença de alunos que tenham frequentado o ensino profissional ou outro regime, à entrada para a sua classe.

Os resultados que obtive apontam para conclusões positivas, naquilo que diz respeito à criação e adequação de um programa curricular adaptado ao tema em estudo.

Palavras-chave

Ensino de música, Guitarra Clássica, Ensino Profissional, Manual.

Abstract

This report refers to the Supervised Teaching Practice and on the Artistic Education Project, of the Master in Music Education, variant of instrument and Chamber Music Class, of the Escola Superior de Artes Aplicadas - Instituto Politécnico de Castelo Branco. This project took place in articulation with Music School Canto Firme de Tomar.

The first part describes the whole practice developed in the academic year 2015/2016, presenting some plans of the lessons taught, both instrument and chamber music class. It is also made a characterization of the social environment and of the school where the practice took place, as well as the characterization of the students involved.

In the second part, which is about the research project, a proposal is made, of technical exercises, studies and parts for the classical guitar instrument, directed to students who enter for vocational education from the Key Stage 4. This proposal is made in a curriculum with a modular planning, specifying what should be worked on each module in a total of nine modules. Interviews are carried out with other teachers from different schools in order to know their opinion about students in the same situation, as well as the opinion of some higher education teachers about the difference of students who have attended vocational education or other entry for your class.

The results I obtained point to positive conclusions, in what concerns the creation and adaptation of a curricular program adapted to the subject under study.

Keywords

Music Teaching, Classical Guitar, Professional Education, Manual.

Índice Geral

Parte 1 – Prática de Ensino Supervisionada	1
1. Introdução.....	2
2. Caracterização da Escola e do Meio Envolvente	3
2.1 Contextualização Geográfica, Socioeconómica e Histórica da Cidade de Tomar.....	3
2.2 Caracterização da Associação de Cultura Canto Firme.....	5
2.3 Conservatório de Artes Canto Firme.....	6
2.3.1 Projeto Educativo.....	8
3. Prática Pedagógica – Guitarra e Música de Câmara.....	12
3.1 Caracterização dos Alunos de Estágio.....	12
3.1.1 Identificação e caracterização do aluno de guitarra.....	12
3.1.2 Identificação e caracterização dos alunos de música de câmara	12
3.2 Síntese da Prática Pedagógica de Guitarra Clássica.....	13
3.2.1 Plano de estágio.....	13
3.2.2 Planificação a médio prazo do 1º,2º e 3º período.....	14
3.2.3 Planificações e relatórios das aulas	15
3.3 Síntese da Prática Pedagógica de Música de Câmara.....	23
3.3.1 Plano de estágio.....	23
3.3.2 Planificação modular.....	23
3.3.3 Planificações e relatórios das aulas	25
4. Reflexão Crítica da Minha Prática Pedagógica	29
1. Introdução.....	31
2. O Ensino Profissional em Portugal.....	32
2.1. Início.....	32
2.2. Ensino Profissional de Música em Portugal	33
2.3. Primeiras Escolas Profissionais de Música em Portugal.....	37
2.4. Escolas Profissionais de Música no Ativo 2017/18	38
3. Pesquisa Empírica.....	39
3.1. Metodologia	39
3.2. Razões da Proposta.....	40
3.3. Objetivos desta Proposta	40

3.4. Estratégias e fases da Pesquisa	40
4. Entrevista a Professores do Ensino Profissional de Música	40
4.1. Entrevista ao Professor André Costa – Docente na Academia de Música Costa e Cabral (Porto) e Escola Dr. Júlio Martins (Chaves), ambas com ensino profissional.	41
4.2. Entrevista ao Professor João Tiago – Docente na Escola Profissional de Artes da Beira Interior ...	42
4.3. Entrevista ao Professor Manuel Cravo – Docente na Escola Profissional da Serra da Estrela	44
4.4. Entrevista ao Professor Tiago Santos – Docente na Escola Secundária de Santa Comba Dão.....	45
4.5. Conclusão das Entrevistas	46
4.6. Experiência Pessoal.....	47
5. Proposta de Manual.....	47
5.1.1. Caracterização da Disciplina.....	47
5.1.2. Visão Geral do Programa.....	48
5.1.3. Competências a Desenvolver	48
5.2. Planificações modulares.....	49
5.2.1. Cronograma do 10º ano	49
5.2.2. Cronograma do 11º ano	52
5.2.3. Cronograma do 12º ano	54
6. Estado Atual dos Alunos que frequentaram o Ensino Profissional	56
7. Opinião de Professores do Ensino Superior	56
7.1. Professor Dejan Ivanovic da Universidade de Évora (UE)	57
7.2. Professor Artur Caldeira da Escola Superior e Artes do Espectáculo (ESMAE)	57
7.3. Professor Pedro Rodrigues da Universidade de Aveiro (UA)	57
7.4. Conclusão da Opinião dos Professores do Ensino Superior	58
8. Reflexão Pessoal: Avaliação das Pesquisas	58
9. Conclusão	59
Bibliografia	61
Webgrafia	62
Enquadramento Jurídico.....	63
Anexos	65
Anexo 1 – Vals de Ferdinando Carulli	66
Anexo 2 – Andantino de Joseph Kuffner.....	67
Anexo 3 – Vals de Dionisio Aguado	68

Anexo 4 – Andantino de Matteo Carcassi..... 69

Índice de Figuras

Figura 1 – Praça da República de Tomar.....	3
Figura 2 – Sede da Canto Firme.....	6
Figura 3 - Plano de Estudos para o Curso Básico de Instrumento (nível II).....	34
Figura 4 - Plano de Estudos para o Curso de Instrumentista de Cordas e Teclas e de Sopros Percussão (nível IV).....	35

Índice de Quadros

Quadro 1 - Síntese da Prática Pedagógica de Guitarra Clássica(David 2016)	13
Quadro 2-Planificação a médio prazo do 1º,2º e 3º período(David 2016)	14
Quadro 3 - Sumários do ano letivo das aulas individuais	16
Quadro 4 - Planificação de Instrumento I (David 2016)	17
Quadro 5 - Planificação de Instrumento II (David 2016)	19
Quadro 6 - Planificação de Instrumento III (David 2016)	21
Quadro 7 - Síntese da Prática Pedagógica de Música de Câmara	23
Quadro 8 - Planificação Modular IV	23
Quadro 9 - Planificação Modular V	24
Quadro 10 - Planificação Modular VI	24
Quadro 11 - Síntese da Prática Pedagógica de Música de Câmara	25
Quadro 12 - Planificação Música de Câmara I	27
Quadro 13 - Escolas Profissionais de Música no ativo 2017/18.....	39
Quadro 14 - Cronograma do 10º ano	49
Quadro 15 - Cronograma do 11º ano	52
Quadro 16 - Cronograma do 12º ano	54

Parte 1 - Prática de Ensino Supervisionada

1. Introdução

Este presente trabalho, está dividido em duas partes: A primeira mostra uma seleção dos documentos que constituem o dossier, que surgiu no seguimento da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada, lecionada no curso de Mestrado em Ensino de Música da Escola Superior de Artes Aplicadas, Instituto Politécnico de Castelo Branco. São assim apresentadas algumas planificações e relatórios da prática pedagógica, das disciplinas de guitarra e música de câmara no Conservatório de Artes Canto Firme de Tomar, em regime de estágio. Este dossier foi construído com orientação de um supervisor e de um professor cooperante, e reflete um percurso formativo, relativamente a desafios, processos, desempenhos e estratégias utilizadas no decorrer das aulas. O dossier é, portanto, uma ferramenta indispensável na atribuição de habilitação profissional para a docência em escolas de ensino de música oficializadas e está dividido em três secções. Primeira secção, a caracterização da escola e do meio envolvente (histórica, geográfica, socioeconómica) e apresentação do seu projeto educativo do ano letivo de estágio 2015/2016. Segunda secção, identificação e caracterização dos alunos de estágio, como algumas planificações e respetivos relatórios de aula. Terceira secção do dossier, uma reflexão crítica pessoal à prática pedagógica do mestrando.

Na segunda parte deste trabalho surge a apresentação de um trabalho de investigação com o tema: Proposta de Manual de Guitarra, de Exercícios de Técnica, Estudos e Peças, para o ensino profissional a partir do 10º ano. Esta proposta, surge, aquando se inicia o curso de ensino profissional de instrumentista em música, com a junção de duas escolas, Escola de Música Canto Firme de Tomar e a Escola Secundária Jácome Ratton. Com este início de curso e para pô-lo a funcionar, aceitaram-se inscrições de alguns alunos com pouca formação em teoria musical e também na prática do instrumento musical. Sendo assim, criou-se um desafio para os professores, de preparar os alunos em três anos, a atingir um nível correspondente a oito anos (8ºGrau), de alunos que frequentam conservatórios de música.

2. Caracterização da Escola e do Meio Envolvente

2.1 Contextualização Geográfica, Socioeconómica e Histórica da Cidade de Tomar

“Tomar, cidade de 20 000 habitantes, é a capital política da Comunidade Urbana do Médio Tejo e sede de concelho homónimo com 11 freguesias, 352 kms e 40 677 habitantes. Foi sede das Ordens Militares do Templo e de Cristo.

Com mais de 30 mil anos de fixação humana neste território, Tomar foi fundada por D. Gualdim Pais em 1160. Sede das Ordens do Templo e de Cristo, teve no Infante D. Henrique um dos responsáveis pelo seu crescimento. A fixação humana deveu-se ao excelente clima, água abundante, fácil comunicação fluvial e excelentes solos. Das sucessivas marcas civilizacionais pré-históricas restam utensílios, grutas, antas, povoados, algumas lápides, moedas, poucas esculturas, peças utilitárias, a lenda de Santa Iria, a toponímia, as rodas de rega e os açudes de estacaria.

Os romanos fundaram a cidade de Sellium, ou Seilium, cuja planta ortogonal decorre da perpendicularidade dos característicos eixos cardus e decumanus que determinavam a organização urbanística das cidades romanas. Para além das ruínas do Forum de Sellium,



Figure 1 - Praça da República Tomar (retirada de: <http://www.cm-tomar.pt/index.php/pt/municipio/concelho/historia>, a 26 de Maio 2016)

as escavações efetuadas (cerca de 1980) na zona da atual Alameda 1 de Março deram conta de vestígios das habitações da época. Pelos meados do século VII, aqui houve conventos de freiras e frades, datando dessa época o episódio visigótico e lendário do martírio de Santa Iria. Quanto aos árabes (após 712) pouco se sabe, mas imagina-se muito, como a sensível origem do nome Tomar: “Tamaramá”, doces águas.

Thomar nasce com o castelo (1 de Março de 1160), cuja construção, pela Ordem dos Templários, bem como a da Vila de Baixo, se prolongou por 44 anos. No século XIV, com a permanência do Infante D. Henrique enquanto Administrador da Ordem de Cristo, a Vila beneficia de grande desenvolvimento, sendo urbanizada a zona da Várzea Pequena em arrojada organização ortogonal, correndo em paralelo à Corredoura e perpendicularmente ao rio. D. Manuel I concede Foral Novo em 1510 e, nesse século, os arquitetos e pintores Domingos Vieira Serrão, João de Castilho, Olivier de Gand, Fernando Muñoz, Diogo de Arruda, Gregório Lopes, João de Ruão e Diogo de Torralva tornaram Tomar um importante centro artístico.

No período da dominação filipina, os reis espanhóis investem em Tomar: obras do Claustro Principal do Convento e Aqueduto dos Pegões, bem como a criação da ainda existente Feira de Santa Iria.

Mais tarde, na sequência da visita da Rainha D. Maria II, Tomar foi elevada à categoria de Cidade em 1844, a primeira do Distrito de Santarém. Silva Magalhães, primeiro fotógrafo tomarense, abriu em 1862 a “Typographia & Photographia”, deixando fabulosa coleção de vistas, retratos e trajes, profissões e cenas da vida diária; o Cinema surgiu seis anos após a sua invenção (17.11.1901), no Teatro Nabantino, que daria lugar, em 1923, a novo edifício: o Cine-Teatro Paraíso; a Imprensa nasceu em 1879 com o semanário “A Emancipação”, dirigido por Angelina Vidal, e em 1901, após Lisboa, Porto, Elvas e Vila Real, Tomar foi servida com energia elétrica a partir da Central instalada no complexo dos antigos Moinhos da Vila. Manuel Mendes Godinho foi nome incontornável no crescimento económico de Tomar do século XX, já que, após 1912, veio a criar um núcleo industrial (moagem, cerâmicas, alimentos para gado, extração de óleos e “Platex”) de tal importância que atravessou o século e possibilitou a criação de uma Casa Bancária.

Nos anos 50 (21.01.1951), foi inaugurada a que seria a maior barragem hidrelétrica do País nas cinco décadas seguintes: a Barragem do Castelo do Bode. Ainda em 1950, João dos Santos Simões renovou a Festa dos Tabuleiros dando-lhe notável projeção nacional e internacional.

Em 1983, a UNESCO reconheceu o conjunto Castelo Templário-Convento de Cristo como Património Mundial e no início dos anos 90 deram-se os primeiros passos para a recuperação e consolidação do Centro Histórico. No século XXI, Tomar conta com algumas instituições culturais nascidas ainda no século XIX, casos das bandas Gualdim Pais, Nabantina e Payalvense. Já no século XXI, a reabertura do Cine-Teatro Paraíso, o Museu de Arte Contemporânea e um grande complexo desportivo aquático, reforçam a vocação sociocultural de Tomar.

O plano da cidade medieval organiza-se em cruz com os quatro braços apontando os quatro pontos cardeais marcados pelos quatro conventos da cidade. O centro, onde se situam a Câmara Municipal e a Igreja Matriz, é a Praça da República, a partir da qual irradiam os principais edifícios públicos e religiosos: a sul, a Sinagoga, o antigo Hospital da Misericórdia, o Convento de S. Francisco e o antigo Rossio da Vila; a norte, a sede da Assembleia Municipal, as capelas de S. Gregório e da Senhora da Piedade e o antigo Convento da Anunciada, a oeste, a colina do Castelo, a Ermida da Senhora da Conceição e o Convento de Cristo, a leste, a Ponte, as antigas Moagens e Moinhos da Vila, o Convento de Santa Iria, a saída para a Igreja de Santa Maria do Olival e zona escolar da cidade, com o Instituto Politécnico a rematar. Perseguindo esta geometria simbólica, é interessante constatar que, com centro na igreja manuelina, a Praça da República, se gera à

circunferência que une a Charola do Convento (oratório templário) aos Conventos da Anunciada, de Santa Iria e de S. Francisco. Eis, assim, o círculo, qual espaço sagrado!, dentro do qual se desenvolveu Tomar.”

(Retirado de: <http://www.cm-tomar.pt/index.php/pt/municipio/concelho/historia>,

a 26 de Maio 2016)

2.2 Caracterização da Associação de Cultura Canto Firme

“A Canto Firme de Tomar – Associação de Cultura provém de um Coro que nasceu em 1980, no seio de uma Sociedade Filarmónica centenária em Tomar.

Por razões logísticas e artísticas, em 19 de Fevereiro de 1982 e por Escritura Pública, lavrada no Primeiro Cartório da Secretaria Notarial de Tomar e publicada no Diário da República III Série n.º 85 de 13 de Abril de 1982, nasce a Associação Canto Firme. A Associação Canto Firme tem por fim contribuir para o desenvolvimento cultural da sua região, do seu país, fundamentalmente através do canto e de outras formas de cultura. É reconhecida como Entidade Pública desde 1992 (DR 207 de 08.09.1992) e IPSS, Instituição Particular de Solidariedade Social desde Maio de 2007 (DR 10 – II Série de 15.01.2008).

A Canto Firme, para além do Coro Misto, mantém uma Escola de Música da Rede Pública do Ensino Vocacional Artístico, com cursos em regime Articulado com os programas de ensino do 2º e 3º Ciclos e Supletivo. Recentemente promove em parceria com a Escola Secundária Jácome Ratton – Agrupamento de Escolas dos Templários Cursos Profissionais de Música de Nível IV, nas vertentes de Sopro e Percussão e Cordas e Teclas. Cursos com dupla certificação, Diploma Profissional de Instrumentista, Diploma de conclusão do Nível Secundário (12º Ano) e Acesso ao Ensino Superior. A Canto Firme também dispõe de várias Formações Residentes, entre as quais se destacam, Orquestra de Sopros, Ensemble de Metais, Orquestra de Guitarras, Ensemble de Clarinetes, vários grupos de Música de Câmara, nas mais diversas composições, Coro Juvenil, Coro Infantil, Orquestra de Cordas, Grupos Orff, Oficina de Teatro que inclui Aulas de Iniciação à Expressão Dramática, Centro de Ocupação de Tempos Livres, para além de realizar regularmente Noites Conventuais no Convento de Cristo, onde se recria o ambiente histórico com trajes e paladares do Renascimento, com o próprio público.

Para o desenvolvimento das suas atividades, terminou em 2002 a construção da sua Sede e Auditório com capacidade de 250 lugares, sendo já referenciado como um importante Pólo Cultural e Social do concelho de Tomar. Nas suas instalações conta ainda com um pequeno auditório com capacidade de 25 lugares, um refeitório, gabinetes administrativos, várias salas de formação de grupo e individual e um espaço polivalente com Bar. Em 2014 procurou realizar atividades de âmbito mais social, como é o exemplo o

projeto pioneiro no concelho de Tomar, com a implementação do projeto “*Sons que Falam*”, tendo este a sua fundamentação na terapia através da música.

A nossa área de intervenção é inteiramente dedicada à cultura e comunidade. Nas nossas instalações passam diariamente, durante todo o ano, alunos, professores, sócios, público em geral, com idades que variam os 0 e os 99 anos.”

(Retirado de: <http://www.cantofirme.pt/instituicao/>
a 26 de Maio 2016)

2.3 Conservatório de Artes Canto Firme



Figure 2 - Sede da Canto Firme (retirada de: <http://www.aet.pt/Parcerias-e-apoios>, a 26 de Maio 2016)

O Conservatório de Artes Canto Firme, escola de ensino especializado de música, teve a sua oficialização em 1996. Desde essa data que os seus projetos educativos visam não só a formação de músicos, como a sensibilização para a música de toda a comunidade tomarense, dando a continuidade a tradição musical existente em Tomar. O projeto educativo da escola

tem como principal objetivo o relacionamento entre músicos e ouvintes, através de uma vida musical ativa fora do

ambiente escolar. Pretende-se com este projeto melhorar a qualidade de ensino nos níveis de iniciação e básico, como melhorar a preparação das gerações futuras; alargar o número de cursos existentes na escola, como a perspectiva da formação de uma orquestra sinfónica em Tomar e alargar a cultura artística da comunidade escolar, através da organização de Ciclos de Concertos.

No presente ano letivo o Conservatório de Artes conta com um corpo docente de 30 professores, 18 cursos de instrumento e cerca de 300 alunos, distribuídos pelos Cursos de Iniciação, Básico e Secundário. Desde o ano de 2008-2009, tem em funcionamento um pólo na localidade de Mação, Firmação – Conservatório de Música de Mação, criado com o objetivo de fomentar o ensino da música junto dos jovens da região.

O Conservatório de Artes Canto Firme pretende ainda continuar com o trabalho desenvolvido junto dos Jardins-Escola João de Deus da cidade, com aulas de iniciação musical lecionadas no próprio Jardim-Escola, onde o estudo de um instrumento musical tem o número de alunos cada vez mais alargado. Salienta-se o facto de a grande maioria

destes alunos continuarem os seus estudos musicais quando ingressam o 5º ano de escolaridade, optando preferencialmente pelo ensino articulado.

No âmbito das iniciativas viradas para a comunidade, pretendemos continuar a dinamizar algumas das atividades que se tem cimentado junto da população tomarense, nomeadamente as sessões de Música para Pais e Bebés. Esta atividade tem, desde a sua primeira edição, uma forte adesão por parte das famílias tomarenses que vêm nestes cursos uma forma de proporcionar aos seus filhos um ambiente musical com uma forte componente pedagógico-didática.

Fruto do empenho desta Escola numa formação de qualidade, é-nos autorizado a abertura de Cursos Profissionais, que desenvolvemos em parceria com a Escola Jácome Ratton, pelo 3º ano consecutivo. Este recente projeto da nossa Escola, vocacionada para alunos que concluíram o 3º ciclo do ensino básico, permite o desenvolvimento de mais uma vertente profissionalizante na nossa cidade, tornando-se uma mais-valia para todos os jovens que por ela optem. Além disso, um curso profissional artístico numa região com grande enraizamento musical, demonstrado pelo número de escolas de Musicas e Bandas Filarmónicas, é mais um passo para a institucionalização de uma Orquestra Sinfónica em Tomar.”

Finalidades do Projeto Educativo:

- Levar os alunos a ouvirem a executarem música para além da sala de aula;
- Criar condições para uma salutar concorrência entre os alunos da Escola, por uma melhoria tanto de técnica como de interpretação;
- Fazer com que os alunos ganhem um sentido crítico em relação a música em geral (como) à sua execução em particular;
- Criar necessidades objetivas para novas aprendizagens, através de uma prática musical regular;
- Desenvolver atividades de divulgação musicais com carácter pedagógico e formativo;
- Fazer a ligação dos Encarregados de Educação à Escola de Música. Através de atividades musicais;
- Dinamizar a participação de todos os intervenientes no processo educativo da Escola;
- Refletir sobre o atual sistema curricular do Ensino Vocacional de Música;
- Organizar ações de formação que visem a melhoria global da qualidade de ensino;
- Aprofundar o relacionamento entre o Ensino para a Música e o Ensino pela Música na formação global do aluno;
- Oferecer as condições necessárias para um Ensino Especializado de Música.

Para isso, pretende-se hierarquizar a comunicação musical através de uma pirâmide pedagogicamente orientada no sentido de que, em todos os níveis de Ensino e para todos os níveis etários, existam respostas para as necessidades de desenvolvimento de cada aluno. “Comunicar Musicalmente com Outros” e, assim o título de um Projecto Educativo que pretende alcançar a criação de um ambiente musical ao redor da Escola e da sua Associação proprietária (que é uma Associação que se dedica com profunda consciência a animação e difusão musical há cerca de trinta anos), contribuindo para melhorar as condições de aprendizagem dos alunos, por um lado, e da própria vida musical da cidade, por outro. Pretende-se que, através deste Projeto, alunos, encarregados de educação e restante comunidade escolar, utilizem a prática musical e a especulação estética, enquanto importante factor de formação Humana e artística criando as condições envolventes para o despertar de vocações e opções profissionalizantes.

(Retirado de: <http://www.cantofirme.pt/instituicao/>
a 26 de Maio 2016)

2.3.1 Projeto Educativo

“São os Cursos oficialmente reconhecidos e tutelados pelo Ministério da Educação. Englobam o Curso Básico e o Curso Secundário/Complementar, e podem ser frequentados em regime articulado ou em regime supletivo.

▪ **Curso Básico**

Destina-se a crianças e jovens a partir dos 10 anos de idade. Integra o 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, e corresponde aos 5º a 9º anos de escolaridade.

Disciplinas: Instrumento, Classe de Conjunto e Formação Musical.

▪ **Curso Secundário / Complementar**

Destina-se a quem concluiu um Curso Básico de Música, ou possua conhecimentos musicais equivalentes. Corresponde aos 10º, 11º e 12º anos. Tem uma componente vocacional bastante significativa.

Disciplinas: Instrumento, Classe de Conjunto e Formação Musical, História da Música, Análise e Técnicas de Composição, Prática ao Teclado e Acústica Musical (não sendo obrigatório todas as disciplinas).

Instrumentos disponíveis: Acordeão, Clarinete, Contrabaixo, Fagote, Flauta de Bisel, Flauta Transversal, Guitarra Clássica, Oboé, Órgão, Percussão, Piano, Saxofone, Trombone, Trompa, Trompete, Tuba, Viola de arco, Violino, Violoncelo.

▪ **Iniciação Musical**

Destinado a alunos que frequentam o 1º Ciclo do Ensino Básico, constitui a primeira fase da aprendizagem formal da linguagem musical e da prática instrumental. Assente num currículo emanado do Ministério da Educação, os programas foram elaborados tendo em conta não só os conhecimentos específicos a adquirir, mas também os benefícios que a prática musical pode trazer ao desenvolvimento das crianças:

- Contribui fortemente para um desenvolvimento equilibrado;
- Consolida a aptidão à concentração;
- Desenvolve as componentes motora e psicomotora;
- Contribui para a formação de hábitos e métodos de trabalho;
- Devido ao grau de abstração que a sua prática e assimilação exigem, e sendo uma forma de expressão individual e coletiva, é um meio privilegiado para que cada um acredite continuamente nas suas potencialidades e na forma como estas se desenvolvem;
- Permite adquirir o espírito de trabalho em grupo de forma criativa;
- É parte determinante e fundamental para a consolidação de valores estéticos universais e intemporais na formação do indivíduo e da sua personalidade.
- Integra 3 disciplinas, num total de 3 horas semanais: Instrumento, Formação Musical e Classe de Conjunto.

Expressão Musical

Música na Primeira Infância

As aulas de Música para a Primeira Infância baseiam-se na Teoria de Aprendizagem Musical de Edwin Gordon. Afastando a possibilidade de ser um método de ensino da música, esta teoria preocupa-se com os processos de aprendizagem das crianças. Assim, os professores centram a sua atenção em “como aprendem os alunos” e não em “como devo ensinar”.

Música para Pais e Bebés

As aulas de música para bebés são destinadas a crianças dos 0 aos 3 anos, acompanhadas por um adulto. O principal objetivo destas aulas centra-se ao primeiro estágio de aprendizagem – Aculturação. Nelas proporcionamos ao bebé ambientes auditivos diversos, com especial enfoque para a voz cantada, que será o seu primeiro instrumento musical. Outra componente importante é o movimento, essencial para o

desenvolvimento das suas aptidões rítmicas. Deste modo, haverá sempre uma ligação entre música e movimento para que o bebé possa “observar o que ouve”, deixando-lhe espaço para tomar consciência corporal e passar a “sentir o que ouve e vê”.

Música e Movimento

Destinadas a crianças entre os 3 e os 5 anos, as aulas de Música e Movimento surgem como uma “ponte” necessária e indispensável entre as aulas da primeira infância e a educação musical formal. Nesta altura as crianças já estarão no 3º estágio de aprendizagem, a Assimilação. São agora capazes de imitar e compreender o que ouvem, permitindo-lhes generalizar e expressar as suas próprias ideias musicais.

▪ Cursos Livres

Estes cursos seguem programas próprios, elaborados à medida dos gostos e necessidades de cada aluno. Não estão sujeitos a regime de faltas, e não conferem qualquer tipo de habilitação académica. Sujeitos a uma mensalidade fixa, incluem a frequência de uma das seguintes disciplinas: Instrumento, Técnica Vocal, Combo Jazz e Canto Jazz.

Instrumentos disponíveis: Acordeão, Clarinete, Contrabaixo, Fagote, Flauta de Bisel, Flauta Transversal, Guitarra Clássica, Oboé, Órgão, Percussão, Piano, Saxofone, Trombone, Trompa, Trompete, Tuba, Viola de arco, Violino, Violoncelo, Bateria, Técnica Vocal, Canto Jazz e Combo Jazz.

▪ Curso Profissional de Instrumentista de Sopro e de Percussão (10.º, 11.º e 12.º Ano)

Curso Profissional em parceria com a Escola Jácome Ratton (participação nos transportes ou residência e oferta das refeições)

Destinatários

- Alunos em via de completar ou que já tenham completo o 9º ano de escolaridade, com menos de 25 anos.
- Alunos provenientes de conservatórios e academias de música.
- Alunos que sejam músicos filarmónicos ou possua quaisquer outras habilitações musicais e pretendam obter uma formação artística de excelência de nível secundário.

Habilitações

Dupla Certificação: Diploma Profissional de Instrumentista (Nível IV), diploma de conclusão do Nível Secundário e possibilidade de acesso ao Ensino Superior.

Componentes de Formação

- Sociocultural (Ministrada na Escola Jácome Ratton): Português, Língua Estrangeira, Área de Integração, Tecnologias da Informação e Comunicação, Educação Física.

- Científica (Canto Firme): História da Cultura e das Artes, Teoria e Análise Musical, Física do Som.
- Técnica (Canto Firme): Instrumento, Conjuntos Instrumentais, Naípe e Orquestra, Projetos Coletivos e Improvisação, Formação em Contexto de Trabalho.

Instrumentos: Flauta Transversal, Flauta de Bisel, Oboé, Clarinete, Fagote, Saxofone, Trompa, Trompete, Trombone, Tuba e Eufónio, Percussão.

▪ **Curso Profissional de Instrumentista de Cordas e de Tecla (10.º, 11.º e 12.º Ano)**

Curso Profissional em parceria com a Escola Jácome Ratton (participação nos transportes ou residência e oferta das refeições)

Destinatários

- Alunos em via de completar ou que já tenham completo o 9º ano de escolaridade, com menos de 25 anos.
- Alunos provenientes de conservatórios e academias de música.
- Alunos que sejam músicos filarmónicos ou possua quaisquer outras habilitações musicais e pretendam obter uma formação artística de excelência de nível secundário.

Habilitações

Dupla Certificação: Diploma Profissional de Instrumentista (Nível IV), diploma de conclusão do Nível Secundário e possibilidade de acesso ao Ensino Superior.

Componentes de Formação

- Sociocultural (Ministrada na Escola Jácome Ratton): Português, Língua Estrangeira, Área de Integração, Tecnologias da Informação e Comunicação, Educação Física.
- Científica (Canto Firme): História da Cultura e das Artes, Teoria e Análise Musical, Física do Som.
- Técnica (Canto Firme): Instrumentos (Específico e de Acompanhamento), Música de Câmara, Naípe, Orquestra e Prática de Acompanhamento, Projetos Coletivos, Formação em Contexto de Trabalho.

Instrumentos: Guitarra Clássica, Guitarra Portuguesa, Piano, Órgão, Acordeão, Violino, Viola d’Arco, Violoncelo, Contrabaixo.”

(Retirado de: <http://www.cantofirme.pt/instituicao/> a 26 de Maio 2016)

3. Prática Pedagógica - Guitarra e Música de Câmara

3.1 Caracterização dos Alunos de Estágio

3.1.1 Identificação e caracterização do aluno de guitarra

O aluno teve a sua primeira experiência musical nas atividades do enriquecimento curricular no primeiro ciclo, quando terminou o mesmo, entrou para o ensino articulado escolhendo o instrumento Guitarra iniciando do zero.

É um aluno com boas capacidades para fazer uma boa evolução, mas que até ao momento não tem demonstrado isso, em que nas aulas se nota, a falta de estudo, dificuldade em identificar notas na pauta e no instrumento, mas o que se entende pela falta de compreensão do mundo musical onde está inserido e pela minha experiência como Professor, alunos que começam do zero, levam o seu tempo.

Acredito que o aluno encontrará essa noção em breve e chegará ao quinto grau com o nível exigido no mesmo.

3.1.2 Identificação e caracterização dos alunos de música de câmara

O aluno A iniciou os seus estudos musicais, aos 12 anos de idade, em Piano na escola Gualdim Pais de Tomar, no ensino articulado em que frequentou até ao quinto grau. Terminando o nono ano, ingressou para o curso profissional de instrumentista de cordas e de teclas na escola secundária Jácome Ratton, em Tomar (parceria com Canto Firme), escolhendo o seu instrumento, Piano.

É um aluno com algumas dificuldades, demonstrando problemas de leituras e de tensões enquanto toca o seu instrumento, foi meu aluno no ano letivo passado, verificou-se já uma boa evolução até este momento.

O aluno B iniciou os seus estudos musicais em acordeão aos 9 anos de idade, numa instituição de ensino particular na Sertã, com o professor José Cláudio. Fez parte de uma banda filarmónica, onde tocava trompa. Antes de ingressar o curso profissional de instrumentista de cordas e teclas na escola secundária Jácome Ratton, em Tomar (parceria com Canto Firme), frequentou um curso de ciências e tecnologias, que não chegou a concluir.

O aluno nunca tinha tido contacto com o acordeão de concerto antes de ingressar o curso, tocando somente o acordeão de construção convencional, direcionado para música de carácter ligeiro. Teve, inicialmente, algumas dificuldades na adaptação às novas disciplinas. Posteriormente, conseguiu acostumar-se às novas exigências, revelando-se um aluno exemplar com excelentes notas.

3.2 Síntese da Prática Pedagógica de Guitarra Clássica

3.2.1 Plano de estágio

Mês (2015/2016)	Dia									Total de aulas
setembro	22	29								2
outubro	6	13	20	27						4
novembro	3	10	17	24						4
dezembro	1									1
janeiro	5	12	19	26						4
fevereiro	2	16	23							3
março	8	15								2
abril	5	12	19	26						4
maio	3	10	17	24	31					5
junho	7									1
	Total									30

Quadro 1 - Síntese da Prática Pedagógica de Guitarra Clássica(David 2016)

3.2.2 Planificação a médio prazo do 1º, 2º e 3º período

Ano letivo	Professor	Disciplina	Grau	Aluno/Turma
2015/2016	David Ferreira	Guitarra	2	Aluno

Conteúdos	Objetivos	Estratégias/ Atividades e Metodologias	Recursos Educativos	Avaliação
.Livros de Técnica para as Mãos esquerda e direita. .Estudos e Peças de acordo com o grau que frequenta.	1. Conhecer normas para a execução do instrumento. 1.1. Aplica a colocação e postura correta na execução. 1.2. Pratica a mudança de posição. 2. Compreender símbolos usados na escrita musical. 2.1. Utiliza com propriedade os diversos símbolos ao seu alcance. 3. Desenvolver o controlo e autonomia física. 3.1. Domina o uso da mão esquerda e da mão direita. 3.2. Estimula o uso correto dos dedos no cumprimento das dedilhações.	. Tocar em conjunto com o aluno desenvolvendo o sentido rítmico e estético. . Contagem das pulsações e das subdivisões em voz alta enquanto o aluno toca a peça. . Utilização do metrónomo. . Gravação áudio e/ou áudio e vídeo para fins pedagógicos – Reflexão das gravações efetuadas. . Audição e análise de gravações de obras diversas.	. Guitarra. . Pousa pé. . Cadeira. . Estante. . Livros de partituras. . Metrónomo (digital ou mecânico). . Afinador (digital ou mecânico (diapasão)). . Gravador áudio e/ou áudio e vídeo. . Computador.	. Avaliação diagnóstica. . Avaliação formativa. . Avaliação sumativa. . Grelhas para evolução na aprendizagem.

Quadro 2-Planificação a médio prazo do 1º, 2º e 3º período(David 2016)

As planificações e relatório de aulas que foram seleccionadas, dizem respeito a aulas assistidas pelo Professor Supervisor. Foram supervisionadas três aulas, uma por cada período.

3.2.3 Planificações e relatórios das aulas

Aula	Data	Sumário
1	22-09-2015	Técnica de mão esquerda e mão direita, dos livros de Abel Carlevaro. Início da leitura das peças El Conde Olinos, Juan H. Montoya; In the Hall of the Mountain King.
2	29-09-2015	Leituras à primeira vista. Interpretação das peças El Conde Olinos, Juan H. Montoya; In the Hall of the Mountain King.
3	06-10-2015	Leituras à primeira vista. Execução da escala de Dó maior em duas oitavas. Interpretação das peças El Conde Olinos, Juan H. Montoya; In the Hall of the Mountain King.
4	13-10-2015	Execução da escala de Ré maior em duas oitavas. Interpretação das peças El Conde Olinos, Juan H. Montoya; In the Hall of the Mountain King.
5	20-10-2015	Técnica de mão esquerda e mão direita, dos livros de Abel Carlevaro. Execução da escala de Mi maior em duas oitavas. Interpretação das peças El Conde Olinos, Juan H. Montoya; In the Hall of the Mountain King.
6	27-10-2015	Execução de escalas maiores em duas oitavas. Interpretação das peças El Conde Olinos, Juan H. Montoya; In the Hall of the Mountain King.
7	03-11-2015	Técnica de mão esquerda e mão direita, dos livros de Abel Carlevaro. Execução de escalas maiores em duas oitavas. Interpretação das peças El Conde Olinos, Juan H. Montoya; In the Hall of the Mountain King. Início da leitura do estudo No2, F. Carulli.
8	10-11-2015	Leituras à primeira vista. Execução de escalas maiores em duas oitavas. Interpretação das peças El Conde Olinos, Juan H. Montoya; In the Hall of the Mountain King e do estudo No2, F. Carulli.
9	17-11-2015	Execução de escalas menores harmónicas em duas oitavas. Interpretação das peças El Conde Olinos, Juan H. Montoya; In the Hall of the Mountain King e do estudo No2, F. Carulli.
10	24-11-2015	Execução de escalas maiores e menores harmónicas em duas oitavas. Interpretação das peças El Conde Olinos, Juan H. Montoya; In the Hall of the Mountain King e do estudo No2, F. Carulli. Simulação de prova.
11	01-12-2015	Prova de Avaliação.
12	05-01-2016	Leituras à primeira vista. Interpretação das seguintes obras: Estudo No2, F. Carulli; Arietta, J.Kuffner.
13	12-01-2016	Leituras à primeira vista. Interpretação das seguintes obras: Estudo No2, F. Carulli; Arietta, J.Kuffner.
14	19-01-2016	Leituras à primeira vista. Execução de escalas maiores em duas oitavas. Interpretação das seguintes obras: Estudo No2, F. Carulli; Arietta, J.Kuffner.
15	26-01-2016	Técnica de mão esquerda e mão direita, dos livros de Abel Carlevaro. Execução de escalas maiores em duas oitavas. Interpretação das seguintes obras: Estudo No2, F. Carulli; Arietta, J.Kuffner.

16	02-02-2016	Execução de escalas maiores em duas oitavas. Interpretação das seguintes obras: Estudo No2, F. Carulli; Arietta, J.Kuffner. Início da leitura do estudo No5, F. Sor.
17	16-02-2016	Leituras à primeira vista. Interpretação das seguintes obras: Estudo No2, F. Carulli; Arietta, J.Kuffner; Estudo No5, F. Sor.
18	23-02-2016	Leituras à primeira vista. Execução de Escalas maiores e menores em duas oitavas Interpretação das seguintes obras: Estudo No2, F. Carulli; Arietta, J.Kuffner; Estudo No5, F. Sor.
19	08-03-2016	Execução de escalas maiores e menores harmónicas em duas oitavas. . Interpretação das seguintes obras: Estudo No2, F. Carulli; Arietta, J.Kuffner; Estudo No5, F. Sor. Simulação de prova.
20	15-03-2016	Prova de Avaliação.
21	05-04-2016	Leituras à primeira vista. Início da leitura das seguintes obras: Allegro op.50, Mauro Giuliani; Vals No1, Bartolomé Cerda; Mango Walk, Tradicional Jamaica.
22	12-04-2016	Leituras à primeira vista. Interpretação das seguintes obras: Allegro op.50, Mauro Giuliani; Vals No1, Bartolomé Cerda; Mango Walk, Tradicional Jamaica.
23	19-04-2016	Leituras à primeira vista. Execução de escalas maiores em duas oitavas. Interpretação das seguintes obras: Allegro op.50, Mauro Giuliani; Vals No1, Bartolomé Cerda; Mango Walk, Tradicional Jamaica.
24	26-04-2016	Técnica de mão esquerda e mão direita, dos livros de Abel Carlevaro. Execução de escalas maiores em duas oitavas. Interpretação das seguintes obras: Allegro op.50, Mauro Giuliani; Vals No1, Bartolomé Cerda; Mango Walk, Tradicional Jamaica.
25	03-05-2016	Execução de escalas maiores em duas oitavas. - Interpretação das seguintes obras: Allegro op.50, Mauro Giuliani; Vals No1, Bartolomé Cerda; Mango Walk, Tradicional Jamaica.
26	10-05-2016	Leituras à primeira vista. - Interpretação das seguintes obras: Allegro op.50, Mauro Giuliani; Vals No1, Bartolomé Cerda; Mango Walk, Tradicional Jamaica.
27	17-05-2016	Leituras à primeira vista. Execução de escalas maiores e menores em duas oitavas. Interpretação das seguintes obras: Allegro op.50, Mauro Giuliani; Vals No1, Bartolomé Cerda; Mango Walk, Tradicional Jamaica.
28	24-05-2016	Leituras à primeira vista. Execução de escalas maiores e menores em duas oitavas. Interpretação das seguintes obras: Allegro op.50, Mauro Giuliani; Vals No1, Bartolomé Cerda; Mango Walk, Tradicional Jamaica.
29	31-05-2016	Execução de escalas maiores e menores harmónicas em duas oitavas. . - Interpretação das seguintes obras: Allegro op.50, Mauro Giuliani; Vals No1, Bartolomé Cerda; Mango Walk, Tradicional Jamaica. Simulação de prova.
30	07-06-2016	Prova de Avaliação.

Quadro 3 - Sumários do ano letivo das aulas individuais

Professor: David Ferreira		Disciplina: Guitarra Clássica		Grau: 2
Aluno: Aluno A		Data: 20/10/2015	Duração: 45 min	Nº: 5
Conteúdos	Objetivos	Estratégias/ Metodologias	Recursos / Materiais	Avaliação
<p>- Exercícios de técnica para a mão esquerda e mão direita;</p> <p>- Escala de Mi maior em duas oitavas;</p> <p>- Interpretação das seguintes peças: <i>El Conde Olinos</i>, Juan H. Montoya; <i>In the Hall of the Mountain King</i>, Edvard Grieg. .</p>	<p>- Desenvolver a mão direita e mão esquerda com exercícios de técnica. Duração: 10 minutos</p> <p>- Desenvolver velocidade nos dedos, de ambas as mãos; Duração: 5 minutos;</p> <p>- Trabalho de digitação, articulação e sonoridade das peças. Duração: 30 minutos.</p>	<p>- Fazer os exercícios de técnica em conjunto com o aluno;</p> <p>- Execução da escala, com a utilização do metrónomo;</p> <p>- Trabalhar questões técnicas, como, problemas de execução de passagens e criar com o aluno exercícios que lhe permita ultrapassar essas questões técnicas e escolher uma melhor digitação para a execução da obra.</p>	<p>- Livro de escalas de Andrés Segovia;</p> <p>- Guitarra, pedal e estante;</p> <p>- Partitura da obra;</p> <p>- Metrónomo;</p> <p>- Lápis e Borracha;</p>	<p>- No decorrer da aula e das actividades, a avaliação das aprendizagens será constante e feita através do diálogo entre o professor e o aluno, baseada num feedback contínuo, seguindo os objetivos definidos e baseando-se nos parâmetros de avaliação que se seguem:</p> <p>- Insuficiente;</p> <p>- Suficiente;</p> <p>- Bom.</p>

Quadro 4 - Planificação de Instrumento I (David 2016)

Relatório

Nesta aula estive a assistir o Professor cooperante.

Iniciámos com exercícios de técnica dos livros de Abel Carlevaro, primeiro a mão esquerda, percorrendo o braço da guitarra com todas as combinações possíveis, aluno não apresentou muita dificuldade em fazer o exercício. Depois foi a vez da mão direita, dedilhados em que começa sempre o polegar em conjunto com o anular, médio ou indicador, aqui o aluno demonstrou algumas dificuldades, principalmente quando se fazia varias repetições.

No próximo conteúdo, vimos a escala de Mi maior, com a mesma digitação da de Dó, mas que tem início no sétimo traste da quinta corda da guitarra, leva como estudo as duas escalas.

De seguida, vimos a peça *El Conde Olinos*, continua com repetição no indicador da mão direita, chamei-lhe a atenção e aos poucos foi conseguindo melhorar, a peça *In the Hall of the Mountain King*, continua sem estudar. Mais uma vez trabalho de repetição por frases das peças.

Professor: David Ferreira		Disciplina: Guitarra Clássica		Grau: 2
Aluno: Aluno A		Data: 02/02/2016	Duração: 45 min	Nº: 16
Conteúdos	Objetivos	Estratégias/ Metodologias	Recursos / Materiais	Avaliação
<p>- Escalas maiores em duas oitavas;</p> <p>- Interpretação das seguintes obras: Estudo nº2, F.Carulli; Arietta, J. Kuffner.</p> <p>- Início da leitura do estudo No5, F. Sor.</p>	<p>- Desenvolver velocidade nos dedos, de ambas as mãos; Duração: 10 minutos;</p> <p>- Trabalho de digitação, articulação e sonoridade das peças. Duração: 35 minutos.</p>	<p>- Execução da escala, com a utilização do metrónomo;</p> <p>- Trabalhar questões técnicas, como, problemas de execução de passagens e criar com o aluno exercícios que lhe permita ultrapassar essas questões técnicas e escolher uma melhor digitação para a execução da obra.</p>	<p>- Livro de escalas de Andrés Segovia;</p> <p>- Guitarra, pedal e estante;</p> <p>- Partitura da obra;</p> <p>- Metrónomo;</p> <p>- Lápis e Borracha;</p>	<p>- No decorrer da aula e das actividades, a avaliação das aprendizagens será constante e feita através do diálogo entre o professor e o aluno, baseada num feedback contínuo, seguindo os objetivos definidos e baseando-se nos parâmetros de avaliação que se seguem:</p> <p>- Insuficiente;</p> <p>- Suficiente;</p> <p>- Bom.</p>

Quadro 5 - Planificação de Instrumento II (David 2016)

Relatório

Nesta aula esteve presente o Professor Cooperante.

Iniciámos com execução de escalas maiores em duas oitavas, com a utilização do metrónomo, aumentando a velocidade gradualmente, o aluno já consegue a 100, à colcheia.

No conteúdo seguinte, vimos o estudo e a peça. No primeiro o aluno começa a ter uma boa interpretação do estudo, espero que se mantenha. Na Arietta continua com muitas dificuldades em algumas passagens, o que lhe dificulta a interpretação.

De seguida começamos a ver o estudo no5 de F. Sor, lemos as três primeiras pautas, no qual identificamos as frases e as digitações de ambas as mãos.

Professor: David Ferreira		Disciplina: Guitarra Clássica		Grau: 2
Aluno: Aluno A		Data: 10/05/2016	Duração: 45 min	Nº: 26
Conteúdos	Objetivos	Estratégias/ Metodologias	Recursos / Materiais	Avaliação
<p>- Leituras à primeira vista;</p> <p>- Interpretação das seguintes obras: Allegro op.50, Mauro Giuliani; Vals No1, Bartolomé Cerda; Mango Walk, Tradicional Jamaica.</p>	<p>- Desenvolver uma boa leitura. Duração: 5 minutos;</p> <p>- Trabalho de digitação, articulação e sonoridade das peças. Duração: 40 minutos.</p>	<p>- Tocar a peça para o aluno;</p> <p>- Trabalhar questões técnicas, como, problemas de execução de passagens e criar com o aluno exercícios que lhe permita ultrapassar essas questões técnicas e escolher uma melhor digitação para a execução da obra.</p>	<p>- Livro grau 2 de, leituras à primeira vista, Trinity;</p> <p>- Guitarra, pedal e estante;</p> <p>- Partitura da obra;</p> <p>- Metrónomo;</p> <p>- Lápis e Borracha;</p>	<p>- No decorrer da aula e das actividades, a avaliação das aprendizagens será constante e feita através do diálogo entre o professor e o aluno, baseada num feedback contínuo, seguindo os objetivos definidos e baseando-se nos parâmetros de avaliação que se seguem:</p> <p>- Insuficiente;</p> <p>- Suficiente;</p> <p>- Bom.</p>

Quadro 6 - Planificação de Instrumento III (David 2016)

Relatório

Nesta aula, teve a assistência do professor cooperante.

Iniciámos com leituras à primeira vista em que aluno esteve muito bem acertando o ritmo e as notas.

No conteúdo seguinte, vimos as três obras, o Allegro continua, embora acho que podia ter melhorado, na velocidade se usasse o metrónomo. Na Vals no1, começa a sentir se o balanço de uma valsa, mas piorou na forma como faz o glissando num determinado sítio da peça, estava a fazer demasiado rápido para o andamento da valsa. No Mango Walk, ainda só consegue as duas primeiras pautas, o resto a ler e muito mal, trabalhamos o fraseado.

3.3 Síntese da Prática Pedagógica de Música de Câmara

3.3.1 Plano de estágio

Dos três períodos do ano lectivo, foram seleccionadas duas planificações e relatórios de aulas das mesmas.

Mês (2014/2015)	Dia									Total de aulas
outubro	8	15	22	29						4
novembro	5	12	19	26						4
dezembro	3	10								2
janeiro	7	14	21	28						4
fevereiro	4	11	18	25						4
março	3	10	17	24	31					5
abril	7	14	21	28						4
maio	5	12	19							3
junho	2	9								2
	Total									32

Quadro 7 - Síntese da Prática Pedagógica de Música de Câmara

3.3.2 Planificação modular

Módulo IV

Objetivos de aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a música de câmara como algo fundamental na vida profissional de um músico. - Desenvolver várias vertentes de técnica e interpretação específicas para cada instrumento. - Desenvolver capacidades auditivas e performativas de música em conjunto - Descobrir novos métodos produtivos de trabalho em conjunto. - Dominar variadas e distintas linguagens musicais - Desenvolver autonomia artística no processo criativo
Obras	<ul style="list-style-type: none"> - M.J. Glinka - Romance - Gabriel Fauré - Romance

Quadro 8 - Planificação Modular IV

Módulo V

Objetivos de aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a música de câmara como algo fundamental na vida profissional de um músico. - Desenvolver várias vertentes de técnica e interpretação específicas para cada instrumento. - Desenvolver capacidades auditivas e performativas de música em conjunto - Descobrir novos métodos produtivos de trabalho em conjunto. - Dominar variadas e distintas linguagens musicais - Desenvolver autonomia artística no processo criativo
Obras	- Joaquim Rodrigo – II andamento do concierto de aranjuez

Quadro 9 - Planificação Modular V

Módulo VI

Objetivos de aprendizagem	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer a música de câmara como algo fundamental na vida profissional de um músico. - Desenvolver várias vertentes de técnica e interpretação específicas para cada instrumento. - Desenvolver capacidades auditivas e performativas de música em conjunto - Descobrir novos métodos produtivos de trabalho em conjunto. - Dominar variadas e distintas linguagens musicais - Desenvolver autonomia artística no processo criativo
Obras	<ul style="list-style-type: none"> - Malcolm Arnold – Serenade op.50 - J. Burmuller – Nocturno no1

Quadro 10 - Planificação Modular VI

3.3.3 Planificações e relatórios das aulas

Aula	Data	Sumário
14	07-01-2016	Início da leitura do segundo andamento do Concierto de Aranjuez, J. Rodrigo.
15	14-01-2016	Interpretação do segundo andamento do Concierto de Aranjuez, J. Rodrigo.
16	21-01-2016	Interpretação do segundo andamento do Concierto de Aranjuez, J. Rodrigo.
17	28-01-2016	Interpretação do segundo andamento do Concierto de Aranjuez, J. Rodrigo.
18	04-02-2016	Interpretação do segundo andamento do Concierto de Aranjuez, J. Rodrigo.
19	11-02-2016	Interpretação do segundo andamento do Concierto de Aranjuez, J. Rodrigo.
20	18-02-2016	Interpretação do segundo andamento do Concierto de Aranjuez, J. Rodrigo.
21	25-02-2016	Interpretação do segundo andamento do Concierto de Aranjuez, J. Rodrigo.
22	03-03-2016	Interpretação do segundo andamento do Concierto de Aranjuez, J. Rodrigo.
23	10-03-2016	Interpretação do segundo andamento do Concierto de Aranjuez, J. Rodrigo. Simulação da prova.
24	17-03-2016	Prova de Avaliação do 5 Módulo.
25	07-04-2016	Início da leitura da obra Serenade Op.50, Malcolm Arnold.
26	14-04-2016	Interpretação da obra Serenade Op.50, Malcolm Arnold.
27	21-04-2016	Interpretação da obra Serenade Op.50, Malcolm Arnold.
28	28-04-2016	Interpretação da obra Serenade Op.50, Malcolm Arnold. Início da leitura do primeiro Nocturne, J.Burmuller.
29	05-05-2016	Interpretação das seguintes obras: Serenade Op.50, Malcolm Arnold; Nocturne No1, J.Burmuller.
30	12-05-2016	Interpretação das seguintes obras: Serenade Op.50, Malcolm Arnold; Nocturne No1, J.Burmuller.
31	19-05-2016	Interpretação das seguintes obras: Serenade Op.50, Malcolm Arnold; Nocturne No1, J.Burmuller.
32	02-06-2016	Interpretação das seguintes obras: Serenade Op.50, Malcolm Arnold; Nocturne No1, J.Burmuller. Simulação de prova.
33	09-06-2016	Prova de Avaliação do 6 Módulo.

Quadro 11 - Síntese da Prática Pedagógica de Música de Câmara

Neste 1º período irei assistir as aulas da professora Alexandra Sousa, depois nos restantes períodos, serei eu a leccionar a disciplina, em substituição da professora que entra em licença de maternidade, por isso fazer só os relatórios das aulas.

Professora: Alexandra Sousa	Disciplina: Música de Câmara		Ano: 11º
Turma/Aluno: Hélder Costa e Giovanna Oliveira	Data: 08/10/2015	Duração: 2h	Nº: 4

Resumo

A aula iniciou com a interpretação da peça, Romance do compositor, M.J. Glinka, originalmente escrito para violoncelo e piano, o aluno de acordeão faz a parte de violoncelo.

Como não iniciei a assistência das aulas desde o início, os alunos tinha já a peça lida, notando-se mais a aluna de piano com dificuldades, em que a professora ajudava na leitura de frases e posteriormente tentavam juntar em conjunto, seguindo-se este trabalho até ao final da aula.

No início do 2º período, a aluna de piano desistiu do curso, ficando só o aluno de acordeão, como o aluno precisava de fazer a disciplina de música de câmara, decidi eu professor acompanhá-lo com a guitarra.

Professor: David Ferreira		Disciplina: Música de Câmara		Ano: 11º
Turma/Aluno: Aluno A		Data: 04/02/2016	Duração: 2h	Nº: 18
Conteúdos	Objetivos	Estratégias/ Metodologias	Recursos / Materiais	Avaliação
- Interpretação do segundo andamento, do Concierto de Aranjuez, J. Rodrigo	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar as frases da obra com cada naipe. Duração: 30 min. - Frasear de forma clara as frases identificadas durante a aula. Duração: 1h30 min. 	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalhar com cada naipe as frases musicais da obra. - Execução da obra individualmente e em naipe. 	<ul style="list-style-type: none"> - Guitarra; - Acordeão; - Pedais e Estantes; - Partitura da obra; - Metrónomo; - Lápis e Borracha. 	<ul style="list-style-type: none"> - No decorrer da aula e das actividades, a avaliação das aprendizagens será constante e feita através do diálogo entre o professor e o aluno, baseada num feedback contínuo, seguindo os objetivos definidos e baseando-se nos parâmetros de avaliação que se seguem: - Insuficiente; - Suficiente; - Bom.

Quadro 12 - Planificação Música de Câmara I

Relatório

Nesta aula teve a assistência do Professor cooperante.

Demos início com a interpretação da obra até onde foi visto, ou seja da primeira à sétima secção, novamente ocorreu alguns erros e tivemos de trabalhar por secções individuais e depois sim voltar a tocar de início ao fim.

Em seguida começamos a ver a oitava e nona secção da obra, com identificação de frases musicais e melhor digitação.

4. Reflexão Crítica da Minha Prática Pedagógica

Tenho pena de não ter feito a minha prática pedagógica com um aluno do profissional, no qual no passado tive alguns alunos desse ensino, que me deram muito prazer em dar aulas e como professor me fizeram crescer imenso. Gosto muito de dar aulas no ensino profissional, os alunos ao fim de três anos, saem muito bem preparados e com boas facilidades para entrar no ensino superior, a carga horária que têm, passar a semana sempre com disciplinas de música, leva os alunos a terem uma noção desde cedo, do que é estudar música e principalmente um instrumento. Infelizmente, com a falta de alunos para se inscreverem nos novos anos, o curso não tem tido alunos suficientes, por isso não abrir, espero que nos próximos tempos haja alunos e possa voltar a dar aulas a alunos do ensino profissional. Embora ainda exista um resistente, um aluno de acordeão, que está no 11º ano, em que os restantes desistiram, tive a oportunidade de dar música de câmara a este aluno, como estava sozinho, toquei em conjunto com ele e preparamos reportório para as provas de final de módulo, é um bom aluno, sempre interessado, a querer aprender mais e dando constantemente a sua opinião, penso que foi uma aprendizagem para ambos.

Em relação ao ensino articulado, as coisas são diferentes, muitos alunos entram do zero e demoram a adquirir conhecimentos em relação à música, tenho notado que o nível tem baixado imenso com o passar dos anos, penso que tem de haver uma melhor selecção de alunos e investir na iniciação, para que não aconteça muitos casos que entram para a música e não tem aptidão nenhuma da mesma. Com o meu aluno de estágio, o Francisco, foi um caso destes, embora eu note que ele tem alguma aptidão e que pode fazer bem melhor, mas as coisas precisam de tempo e a música é mesmo isso, leva tempo a aprender um conjunto de aspetos, como a leitura, canto e o instrumento. Pela minha experiência como Professor, alunos destes, normalmente dão o clique a partir do terceiro grau, espero que assim seja com o Francisco.

Espero também continuar a minha vida como professor de guitarra, pois bem, foi sempre uma profissão que lutei para exercer e que gosto muito. E podermos fazer o que gostamos, é um privilégio.

Parte 2 - Proposta de Manual de Guitarra, de Exercícios de Técnica, Estudos e Peças, para o Ensino Profissional, a partir do 10º ano.

1. Introdução

No âmbito da prática da docência de guitarra, nos últimos anos, veio a assistir-se a um crescimento de escolas do ensino profissional da música, o que leva a um aumento de alunos. Muitos desses alunos, interessados no curso, têm poucos ou nenhuns conhecimentos musicais. Ao mesmo tempo, como as escolas precisam de alunos, aceitam esses alunos para terem um número mínimo e com isso conseguir ter o curso a funcionar. Este aspeto leva os professores ao desafio de preparar os alunos, em três anos, para atingir um nível equiparado aos que frequentam oito anos de conservatório.

E por ter passado por esta experiência como professor de guitarra clássica no ensino profissional, e estar a exercer no atual momento, decidi fazer esta proposta de exercícios de técnica, estudos e peças, para este mesmo ensino a partir do 10º ano.

Este trabalho de pesquisa, dá a conhecer o início do ensino profissional em Portugal no contexto geral e na música e o seu plano de estudos. Dá a conhecer, também, as primeiras escolas profissionais de música, a serem criadas em Portugal, e quantas estão ativas no atual momento. Foram feitas entrevistas a professores que lecionam em diferentes escolas profissionais de música, com questões sobre a problemática descrita inicialmente nesta introdução, cujos resultados foram analisados e se encontram descritos neste trabalho. Seguidamente, partindo da minha experiência pessoal, elaborei uma proposta de programa curricular de guitarra clássica para o ensino profissional, que contém uma planificação modular de nove módulos, cada um descrito detalhadamente com exercícios de técnica e obras a interpretar ao longo dos três anos de curso. Apresenta-se também um ponto sobre uma pequena descrição do estado académico atual de três alunos que frequentaram o ensino profissional e usufruíram deste programa curricular. Por último a opinião de três professores do ensino superior, referindo as diferenças entre alunos do ensino profissional e alunos de outros regimes, quando entram nas suas classes.

Assim, partindo do pressuposto de que três anos de curso profissional seriam, à partida, pouco tempo, pretende-se com este estudo responder à pergunta *Como preparar um aluno com poucos conhecimentos musicais, em apenas três anos de frequência do curso profissional de música, para o concluir com sucesso?*

2. O Ensino Profissional em Portugal

2.1. Início

Com base na informação recolhida da monografia de José Cardim (1999) publicada pelo Centro Europeu para o Desenvolvimento da Formação Profissional (CEDEFOP), o sistema de Formação Profissional em Portugal, foi criado a partir de 1986, tendo-se começado a afirmar no panorama nacional da oferta educativa, contribuindo para isso o acesso a fundos comunitários proporcionados pela adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia: “Portugal teve acesso ao financiamento de atividades formativas através do Fundo Social Europeu (FSE), permitindo aumentar significativamente as atividades de formação inicial e contínua, particularmente as desenvolvidas por iniciativa privada, que passaram a ser apoiadas por financiamento público” (Cardim, 1999, p. 46). O ensino profissional apresenta atualmente uma oferta formativa nas mais distintas áreas de formação. No campo artístico, são três as categorias: Artes do Espetáculo, Artes Gráficas e Património Cultural e Produção Artística. É na primeira categoria que os Cursos Musicais se enquadram dando qualificação profissional de nível II (ensino básico) e nível IV (ensino secundário). O ensino profissional não superior surge pela primeira vez legislado em Portugal em 1989, através da publicação em Diário da República do Decreto-Lei nº 26/89 de 21 de Janeiro, lançado pelos Ministérios da Educação e do Trabalho.

O decreto-lei vem num contexto da integração europeia, para um desafio do desenvolvimento económico e social e promover uma maior qualificação dos recursos humanos no país. Assim sendo, os programas de formação a desenvolver nas escolas profissionais, segue as normas adotadas pela comunidade Europeia. As escolas profissionais são criadas no âmbito do ensino não superior.

Com isto, e com base no Decreto-Lei, as escolas profissionais deverão ter as seguintes finalidades:

- a) Contribuir para a realização pessoal dos jovens, proporcionando, designadamente, a preparação adequada para a vida ativa;
- b) Fortalecer, em modalidades alternativas às do sistema formal de ensino, os mecanismos de aproximação entre a escola e o mundo do trabalho;
- c) Facultar aos jovens contactos com o mundo do trabalho e experiência profissional;
- d) Prestar serviços diretos à comunidade, numa base de valorização recíproca;

- e) Dotar o País dos recursos humanos de que necessita, numa perspetiva de desenvolvimento nacional, regional e local;
- f) Preparar o jovem com vista à sua integração na vida ativa ou ao prosseguimento de estudos numa modalidade de qualificação profissional;
- g) Proporcionar o desenvolvimento integral do jovem, favorecendo a informação e orientação profissional, bem como a transição para a vida ativa, numa modalidade de iniciação profissional, a nível do 3.º ciclo do ensino básico e até à efetivação da escolaridade obrigatória de nove anos.

2.2. Ensino Profissional de Música em Portugal

Os cursos profissionais da área de música, inserem-se na área de formação, Artes do Espetáculo.

Criados em 1989, organizam-se em módulos de duração variável, com níveis de escolaridade e qualificação profissional crescente. Cada nível tem uma duração de três anos letivos, correspondentes a um mínimo de 2900 e máximo de 3600 horas de formação.

Presentemente são divididos em cursos profissionalizantes de Nível II e Nível IV. Com a qualificação de Nível II, no ensino profissional de música, os cursos a funcionar são os seguintes: Básico de Instrumento, Básico de Instrumentista de Cordas e Básico de Instrumentista de Sopro. O Nível IV, oferece os cursos de Instrumento, Instrumentista de Cordas, Instrumentista de Sopros, Prática Orquestral, Percussão e Música e Novas Tecnologias/ Instrumento/ Canto/ Composição. Nos cursos de Nível II, o plano de estudos inclui as componentes de formação sociocultural, tal como em todas as escolas profissionais e a formação técnico/artística. O plano de estudos dos cursos de Nível IV é constituído pela componente sociocultural, científica e técnico/artística.

Todos os cursos profissionais, incluem um período de formação em contexto de trabalho ligado a atividades no domínio profissional respetivo.

		DISCIPLINAS	CARGAS HORÁRIAS ANUAIS			
			1 (7ª)	2 (8ª)	3 (9ª)	Total Disc.
COMPONENTES DE FORMAÇÃO	SOCIOCULTURAL	LÍNGUA PORTUGUESA	120	120	120	360
		LÍNGUA ESTRANGEIRA	100	100	100	300
		CIÊNCIAS FÍSICAS E NATURAIS	120	120	120	360
		CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS	160	160	160	480
		MATEMÁTICA	100	100	100	300
	ARTÍSTICA	FORMAÇÃO MUSICAL	80	80	80	240
		FORMAÇÃO AUDITIVA	40	40	-	80
		INTRODUÇÃO À COMPOSIÇÃO	-	-	40	40
		PRÁTICA DE CONJUNTO	200	200	200	600
		PRÁTICAS INDIVIDUAL E DE NAÍPE	200	200	200	600
		INSTRUMENTO	80	80	80	240
		INSTRUMENTO DE TECLA	40	40	40	120
TOTAL HORAS ANO/CURSO		1240	1240	1240	3720	

Figura 3 - Plano de Estudos para o Curso Básico de Instrumento (nível II).¹

¹ Portaria n.º 531/95. “D. R. I Série-B, N.º 43 (2/6/1995) 3547

Curso profissional de Instrumentista de Cordas e de Tecla		Curso profissional de Instrumentista de Sopro e de Percussão	
Plano de estudos		Plano de estudos	
Componentes de formação	Total de horas (a) (ciclo de formação)	Componentes de formação	Total de horas (a) (ciclo de formação)
Sociocultural:		Sociocultural:	
Português	320	Português	320
Língua Estrangeira I, II ou III (b)	220	Língua Estrangeira I, II ou III (b)	220
Área de Integração	220	Área de Integração	220
Tecnologias da Informação e Comunicação	100	Tecnologias da Informação e Comunicação	100
Educação Física	140	Educação Física	140
<i>Subtotal</i>	1 000	<i>Subtotal</i>	1 000
Científica:		Científica:	
História da Cultura e das Artes	200	História da Cultura e das Artes	200
Teoria e Análise Musical	200	Teoria e Análise Musical	150
Física do Som	150	Física do Som	150
<i>Subtotal</i>	500	<i>Subtotal</i>	500
Técnica:		Técnica:	
Instrumentos (Específico e de Acompanhamento)	270	Instrumentos	290
Música de Câmara	200	Conjuntos Instrumentais	180
Naípe, Orquestra e Prática de Acompanhamento	480	Naípe e Orquestra	480
Projectos Colectivos	230	Projectos Colectivos e Improvisação	230
Formação em Contexto de Trabalho	420	Formação em Contexto de Trabalho	420
<i>Subtotal</i>	1 600	<i>Subtotal</i>	1 600
<i>Total de horas do curso</i> ...	3 100	<i>Total de horas do curso</i> ...	3 100

(a) Carga horária global não compartimentada pelos três anos do ciclo de formação, a gerir pela escola, no âmbito da sua autonomia pedagógica, acautelando o equilíbrio da carga anual de forma a otimizar a gestão modular e a formação em contexto de trabalho.

(b) O aluno escolhe uma língua estrangeira. Se tiver estudado apenas uma língua estrangeira no ensino básico, iniciará obrigatoriamente uma segunda língua no ensino secundário.

Figura 4 - Plano de Estudos para o Curso de Instrumentista de Cordas e Teclas e de Sopros Percussão (nível IV).²

A Portaria n.º 550-C/2004, de 21 de Maio regula a criação, organização e gestão do currículo, bem como a avaliação e certificação das aprendizagens dos cursos profissionais de nível secundário, mediante os termos estabelecidos no Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de Março. O Artigo 5.º desta portaria, define uma estrutura e progressão modular para as disciplinas e estipula que compete ao Ministério da Educação assegurar a elaboração dos programas das disciplinas das componentes de formação Sociocultural e Científica dos cursos profissionais. Quanto aos programas das disciplinas da componente de formação técnica, cabe às escolas, preferencialmente em rede, a sua formulação e respetiva proposta, sendo sempre os programas homologados por despacho do Ministério da Educação.

² Portaria n.º 221/2007. “D. R. I Série, N.º 43 (1/3/2007) 1427/1428

Neste tipo de ensino, a avaliação incide sobre as aprendizagens previstas no programa das disciplinas de todas as componentes de formação e no plano da Formação em Contexto de Trabalho – FCT – e assume os modelos formativo e sumativo. O Artigo 12.º descreve a avaliação formativa como contínua e sistemática e tem função diagnóstica, permitindo ao professor, ao aluno e ao encarregado de educação obter informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens, com vista à definição e ao ajustamento de processos e estratégias. Quanto à avaliação sumativa, tem como principais funções a classificação e certificação, traduzindo-se numa escala de 0 a 20 valores, sendo que o aluno deverá atingir uma classificação mínima de 10 valores em cada módulo.

Uma das componentes a ter em conta para a conclusão, com aproveitamento, de um curso profissional é a aprovação em todas as disciplinas do curso que se verifica através da avaliação sumativa interna. O Artigo 14.º da Secção II da Portaria nº 550- C/2004 determina como momentos de avaliação:

1. A avaliação sumativa interna ocorre no final de cada módulo;
2. Compete ao professor organizar e proporcionar a avaliação sumativa de cada módulo, de acordo com as realizações e os ritmos de aprendizagem dos alunos;
3. Os momentos de realização da avaliação sumativa no final de cada módulo resultam do acordo entre cada aluno ou grupo de alunos e o professor;
4. A avaliação de cada módulo expressa a relação entre a auto e heteroavaliação dos alunos e a avaliação realizada pelo professor;
5. O aluno pode requerer, no início de cada ano letivo, a avaliação dos módulos não realizados no ano letivo anterior;
6. A avaliação sumativa interna incide ainda sobre a formação em contexto de trabalho e integra, no final do 3º ciclo de formação, uma prova de aptidão profissional (PAP).

A PAP – Prova de Aptidão Profissional, outro elemento que é utilizado para avaliar o aproveitamento do curso, consiste na apresentação e defesa, perante um júri, de um projecto, consubstanciado num produto, material ou intelectual, numa investigação ou numa atuação, consoante a natureza dos cursos. Este projeto é cumprido sob a orientação e acompanhamento de um ou mais professores e poderá ser desenvolvido em equipa, tendo em conta a sua natureza.

O júri da PAP é nomeado pela direção da escola e terá a seguinte composição:

- a) O diretor pedagógico da escola;
- b) O coordenador do departamento
- c) O diretor de curso;
- d) O orientador educativo da turma;
- e) O/Um professor orientador do projeto;
- f) Uma personalidade de reconhecido mérito na área de formação profissional.

A FCT constitui, igualmente, o conjunto de fatores a ter em conta na avaliação para a conclusão do curso profissional. Consiste num conjunto de atividades profissionais desenvolvidas sob a coordenação e acompanhamento da escola, que visam a aquisição ou o desenvolvimento de competências técnicas, relacionais e organizacionais relevantes para o perfil de desempenho à saída do curso frequentado pelo aluno. A FCT pode realizar-se em empresas ou outras organizações, sob a forma de experiências de trabalho, e/ou sob a forma de estágio em etapas intermédias ou na fase final do curso.

Os alunos que pretendam prosseguir os seus estudos no ensino superior estão também sujeitos à avaliação sumativa externa, que corresponde à realização de exames nacionais em duas disciplinas da componente de formação científica e/ou na disciplina de Português, sendo que só poderão comparecer na realização dos exames nacionais das disciplinas referidas anteriormente, os alunos que, em avaliação sumativa interna, nelas tenham obtido aproveitamento. A realização dos exames nacionais pode ser requerida no ano de conclusão das respetivas disciplinas ou em anos letivos posteriores.

Tal como foi dito anteriormente, a conclusão, com aproveitamento de um curso profissional, é obtida através da aprovação em todas as disciplinas do curso e da obtenção de uma classificação igual ou superior a 10 valores na FCT e na PAP (a classificação destas, FCT e PAP, expressa-se igualmente numa escala de 0 a 20 valores).

2.3. Primeiras Escolas Profissionais de Música em Portugal

No âmbito do programa de criação de escolas profissionais, então lançadas pelos Ministérios da Educação e do Trabalho em 1989, surgiu algumas escolas profissionais pioneiras, que ainda hoje, são escolas de referência no ensino profissional em Portugal.

Das primeiras escolas surgiram em 1989, foi a Escola Profissional de Música de Espinho, que desde início, propôs possibilitar a formação aos jovens candidatos a músicos em duas áreas praticamente inexistentes no ensino musical mais tradicional, o trabalho de orquestra e o estudo da percussão. O objetivo foi de dar o contributo possível para diminuir o défice de músicos portugueses que possam integrar as orquestras nacionais.

A segunda escola a surgir também no ano de 1989, foi a Escola Profissional Artística Vale do Ave (ARTAVE), localizada no Distrito de Braga em Vila Nova de Famalicão, afirmou-se como caso singular na região do Vale do Ave e de um contributo importante para o ensino da música em Portugal. A ARTAVE, desde início deu importância maior à música de conjunto, proporcionando aos alunos a prática instrumental como ato coletivo e social.

Em 1990 surge a Escola Profissional de Arte Mirandela (ESPROARTE), que veio encher de esperança todos aqueles que, com a música na alma, se viam obrigados a desistir de um sonho que, até então, era difícil de concretizar. Única escola de música de toda a região do nordeste, a ESPROARTE revestiu-se de um cariz extremamente ambicioso. Em poucos anos, a escola que a priori parecia apenas satisfazer os desejos de uns poucos jovens da terra

quente transmontana, começou a acolher no seu seio, jovens vindos de outras partes do país, que saíram da sua terra em busca de um sonho que aqui podiam ver concretizado.

No ano de 1992 é criada a Escola Profissional de Artes da Beira Interior (EPABI), a possibilidade dada pela criação de escolas profissionais e os meios que lhes estariam atribuídos, fez sonhar os que quiseram acreditar que no interior de Portugal, também seria possível a música a que até então só os grandes meios pareciam ter direito. E apenas setenta e dois dias depois foi dado o primeiro sinal de que o sonho era possível, os alunos da EPABI faziam a sua primeira apresentação pública, num jornal da região.

Também em 1992, inicia a sua atividade a Escola Profissional de Música de Viana do Castelo (EPMVC). Integrada no ensino profissional a EPMVC, é uma escola privada que goza de autonomia pedagógica, administrativa e financeira. Adota os níveis de formação II e III de acordo com a decisão do conselho das comunidades europeias e a legislação portuguesa. Sob a tutela científica e pedagógica do Ministério da Educação a escola ministra o Curso Básico de Instrumento (equivalente ao 9º ano de escolaridade) e os cursos de Instrumentista de Cordas e Teclas e de Instrumentista de Sopros e Percussão (equivalentes ao 12º ano de escolaridade).

A informação deste último ponto foi retirada dos sites das escolas que se encontram online.

2.4. Escolas Profissionais de Música no Ativo 2017/18

Foi feita uma pesquisa de quantas escolas profissionais de música existem neste momento ano lectivo 2017/18.

Nome da Escola	Ensino de Guitarra	Curso de Cordas/Teclas	Curso de Sopros/Percussão
Escola Profissional de Artes Performativas da Jobra	Sim	Sim	Sim
Escola Profissional de Artes da Beira Interior	Sim	Sim	Sim
Escola Profissional da Serra da Estrela	Sim	Sim	Sim
Escola Secundária de Santa Comba Dão	Sim	Sim	Sim
Escola Secundária Jácome Ratton	Sim	Sim	Sim
Escola de Música do Conservatório Nacional	Sim	Sim	Sim

Escola Profissional Metropolitana	Não	Sim	Sim
Academia de Música Costa e Cabral	Sim	Sim	Sim
Escola Secundária de Rocha Peixoto	Não	Sim	Sim
Escola Profissional Artística do Vale do Ave	Não	Sim	Não
Escola Profissional de Música de Espinho	Sim	Sim	Sim
Escola Profissional de Música de Viana do Castelo	Sim	Sim	Sim
Escola Secundária Dr. Júlio Martins	Sim	Sim	Sim
Escola Secundária Dr. Flávio F. Pinto Resende	Não	Não	Sim
Escola Profissional de Arte de Mirandela	Não	Sim	Sim

Quadro 13 - Escolas Profissionais de Música no ativo 2017/18

Conforme a tabela, existem no momento, quinze Escolas Profissionais de Música no ativo, do ano letivo 2017/18, das quais, onze têm ensino de guitarra, catorze com o curso de instrumentista de cordas e teclas e o mesmo número catorze, em sopros e percussão.

3. Pesquisa Empírica

3.1. Metodologia

De Natureza Qualitativa, porque esta pesquisa não pretende ter uma quantidade mas sim uma apresentação e análise de dados, feita de uma forma indutiva, que permite mostrar um pouco da realidade do ensino profissional de música em Portugal.

Bogdan e Biklen (1994), descreve cinco características desta metodologia:

1. A fonte direta dos dados é o ambiente natural e o investigador é o principal agente na recolha desses mesmos dados;
2. Os dados que o investigador recolhe são essencialmente de carácter descritivo;
3. Os investigadores que utilizam metodologias qualitativas interessam-se mais pelo processo em si do que propriamente pelos resultados;
4. A análise dos dados é feita de forma indutiva;

5. O investigador interessa-se, acima de tudo, por tentar compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências.

3.2. Razões da Proposta

Esta proposta de exercícios de técnica, estudos e peças para guitarra, surge, aquando se inicia o curso de ensino profissional de instrumentista em música, com a junção de duas escolas, Escola de Música Canto Firme de Tomar e a Escola Secundária Jácome Ratton.

Com este início de curso e para pô-lo a funcionar, aceitaram-se inscrições de alguns alunos com pouca formação em teoria musical e também na prática do instrumento musical. Sendo assim, criou-se um desafio para os professores, de preparar os alunos em três anos, a atingir um nível correspondente a oito anos (8ºGrau), de alunos que frequentam conservatórios de música.

3.3. Objetivos desta Proposta

- Dar a conhecer uma proposta de exercícios de técnica, estudos e peças, partindo da minha experiência pessoal;
- Dar a conhecer a opinião de professores e a realidade de algumas escolas do ensino profissional em Portugal;
- Contribuir para uma opinião e reflexão de um programa para guitarra clássica para o ensino profissional.

3.4. Estratégias e fases da Pesquisa

A pesquisa sobre alunos que frequentam o ensino profissional, que entram para este ensino com mais ou menos formação na música, veio demonstrar que grande parte das escolas, tem alunos nestas duas situações e para isso, os professores vão ajustando os programas de acordo com o aluno e a sua evolução.

A recolha de dados foi feita através de entrevistas, a professores que lecionam neste ensino e no ensino superior e relatei também a minha própria experiência pessoal como professor no ensino profissional. Na mesma pesquisa, recolhi, ainda, outros dados, como quantas escolas profissionais têm ensino de guitarra clássica.

4. Entrevista a Professores do Ensino Profissional de Música

Foram realizadas entrevistas que, na área da educação, são consideradas como um importante instrumento de recolha de dados. Tal como em Bogdan e Biklen (1994), estas serviram, de um modo geral, para compreender as várias opiniões dos diferentes grupos

entrevistados e saber quais os sentidos de resposta. O mesmo autor defende que estas entrevistas permitiram saber ao certo os pensamentos dos inquiridos em relação às estratégias implementadas pelo professor no decorrer das aulas.

No caso específico da minha investigação, nem todos os professores que contactei aceitaram realizar a entrevista. As entrevistas foram feitas de diversas formas: Por videochamada ou chamada telefónica, com gravação de áudio, ou resposta por texto.

A entrevista foi constituída pelas seguintes perguntas:

1. No seu entender, quais são as diferenças na aprendizagem dos alunos do ensino profissional e dos alunos dos outros regimes?
2. Que nível tem os alunos quando entram no ensino profissional na sua escola?
3. A sua classe, tem alunos que entraram no 10º ano com poucos conhecimentos musicais?
4. Quais são as estratégias que usa, para os preparar em três anos, de forma a realizarem a Prova de Aptidão Profissional?
5. Tem um programa definido com métodos, peças e exercícios técnicos para todos ou articula com o perfil do aluno?

4.1. Entrevista ao Professor André Costa - Docente na Academia de Música Costa e Cabral (Porto) e Escola Dr. Júlio Martins (Chaves), ambas com ensino profissional.

A entrevista foi feita por videochamada com gravação de áudio:

1 – “É um pouco difícil de responder, tem uma carga horária diferente, o que é verdade é que no profissional entram com um nível muito baixo, mas as vezes têm-se supletivos e articulados que estão no 6º, 7º grau ou o que seja, com um nível extremamente baixo, então é relativo, eu até acho que nesse aspeto se formos a comparar, no geral até acho que os alunos do profissional têm um nível superior, porque eles acabam por estudar mais, mas considero que, para o profissional, para um nível que se tinha há uns anos atrás, neste momento é baixo, eles entram com poucas noções musicais, principalmente teoria, que na minha opinião é o que os atrasa mais, a parte física eles vão ganhando com o tempo, mas se eles não perceberem ritmos e a leitura, demoram muito a ler uma peça. Mas nota-se claro, uma evolução progressiva em três anos no profissional, muito maior, mas deviam terminar com um nível muito superior, viste que agora o nível está a subir. Nota-se também um nível muito baixo, dos alunos que estão a terminar o supletivo e o articulado, é muito relativo e difícil de responder a essa pergunta”.

2 – “Em Chaves tenho três alunos do profissional que entraram este ano, um deles está no nível, mas os outros dois estão claramente a baixo, um deles nem lê pauta sequer ainda, mas o aluno está a trabalhar e os professores no geral puxam pelos alunos e estão a acompanhar o barco. No Porto tenho um aluno que está no 11º ano e eu entrei para esta escola este ano, tenho um aluno que entrou com um nível baixo mas que está a acompanhar, mas ainda com dificuldade a usar as unhas para tocar”.

3 – “Sim, como respondi anteriormente”.

4 – “Ainda não tive alunos que fizessem três anos de curso, estou nestas duas escolas há um ano, agora em questão, o que eu faço muito, em questões de técnicas eu uso muito Carlevaro, principalmente para a mão direita, para a mão esquerda, já tenho outros exercícios que desenvolvi, por caris pessoal, não são dados no clássico, também alguma coisa de Iznaola e de Pujol o livro 4, mas maioritariamente é mais para o jazz, estudo jazz e também vou buscar dessa parte, dou-lhes escalas com modelos muito mais virados para o jazz e fazem técnica com intervalos de quintas, sextas, por aí, que é para eles trabalharem a técnica e ao mesmo tempo, perceberem o que se passa em questões harmónicas, perceberem as vozes de alguma forma como elas mudam, para eles quando tiverem a tocar peças, terem uma melhor memória visual. E noto que tem funcionado imenso, noto mais dificuldade é na mão direita a nível de som, porque a mão esquerda acho que eles com o tempo, apanham, agora a mão direita, ter bom som, não haver ruídos, as mudanças não serem bruscas, é difícil e principalmente, ganharem maturidade para estudar uma peça, não começarem do início e terminar no fim, tipo corrida, isso é o que se nota e é difícil ganharem essa maturidade em três anos”.

5 – “Bem um método definido não tenho, é um pouco como disse anteriormente, vou adaptando os exercícios de técnica e as obras, consoante o aluno e o que acho necessário para ele evoluir”.

4.2. Entrevista ao Professor João Tiago - Docente na Escola Profissional de Artes da Beira Interior

A entrevista foi feita por chamada telefónica com gravação do áudio:

1 – “Sim, no profissional, pela minha experiência, o processo é mais rápido, o currículo que está definido para o ensino profissional, à partida, é logo diferente para o que está para o articulado ou mesmo supletivo dos conservatórios e logo pela carga horária que têm, pelo volume de horas de componente musical, obviamente o processo acaba por ser mais rápido, também o facto de entrarem muitas vezes com uma idade diferente, por norma

avançada, já têm também algum tipo de objetividade em relação ao que querem fazer a partir daí, e portanto quando vão para o profissional já pensam mais ou menos, ainda que não seja definitivo, seguir a área da música. Nos conservatórios por norma ainda não há propriamente essa decisão, também quando se começa por exemplo num 1º grau que é quando vão para o 5º ano de escolaridade, a abordagem tem que ser diferente e a percepção dos alunos também é muito diferente, têm aulas no ensino regular noutra escola, vão aos conservatórios só para ter a componente musical e portanto todo o processo é diferente do ensino profissional em que está tudo concentrado na mesma instituição”.

2 – “É assim é possível entrarem em qualquer nível, por norma entrariam para o 7º ano ou seja 3º ciclo, o que tem acontecido nos últimos é entrarem já no 10º ano e portanto em vez de fazerem em seis anos, fazem em três”.

3 – “Sim, tenho tido vários, inclusivamente, estão agora a terminar dois alunos do 12º ano em fase de PAP, em que entraram diretamente para o 10º ano”.

4 – “É assim, eles têm duas horas semanais em dias separados, o que faço e considero, é que, desde o início todo o trabalho que seja feito na parte técnica, abrangendo todas as componentes, desde escalas, articulações, ligados, barras, etc... e depois o próprio repertório, que se vai trabalhando, seja ele todo contrastante e que de alguma forma integre toda essa componente técnica, portanto, interessa-me, que todo o repertório que seja desenvolvido ao longo do 10º ano e ao longo de um determinado ano, todo ele permita desenvolver componentes técnicas contrastantes e estilos diferentes, para que entendam várias vertentes, desde a parte musical, a parte estilística, a nível da história da música, dos autores e tentar sistematizar todas essas componentes em determinadas obras que apresentem em recitais e em provas de avaliação, essa é a minha estratégia habitualmente”.

5 – “O que eu faço habitualmente é, aliás os programas quando são definidos, eu considero princípios orientadores, não são propriamente estanques e comuns a todos os alunos, agora há componentes que tem de ser trabalhadas por todos eles, toda a parte técnica da guitarra, tem que ser trabalhada, uma obra A ou uma obra B, aí vai um pouco ao critério, do perfil do aluno, portanto aquilo que eu identifico como necessário no momento, eu apresento para que seja trabalhado, de alguma forma ao longo de cada módulo, correspondente a cada período, no início de cada módulo, apresento um conjunto de estudos e de peças, que são selecionados de acordo com o que já fez antes e com o que se faça a seguir, portanto, é essa a minha programação, para que eles ao final dos três anos, consigam fazer a PAP e que obtenham o máximo de recursos possível nesses três anos”.

4.3. Entrevista ao Professor Manuel Cravo - Docente na Escola Profissional da Serra da Estrela

A entrevista foi respondida por texto:

1 – “A diferença normalmente está relacionada com a velocidade de aprendizagem. Sendo um tempo mais limitado (três anos) o objetivo é que os alunos do ensino profissional façam o mesmo trabalho nesse período de tempo, ao qual os alunos do Ensino Especializado de Música (Conservatórios e Academias de Música) normalmente dispõem de 8 anos se não realizarem o período de iniciação. Na maior parte das vezes os alunos do ensino profissional dispoñdo de mais tempo de aulas práticas e sendo normalmente mais velhos, acabam por evoluir em menos tempo”.

2 – “Da minha experiência os alunos entram no ensino profissional com poucas ou nenhuma base musical, tenho alunos que nunca tinham estudado música. Na história da classe de guitarra da EPSE (Escola Profissional da Serra da Estrela), apenas um aluno entrou com o nível do 6º Grau, tendo realizado os seus estudos no Conservatório de Música de Seia”.

3 – “Respondido na questão anterior”.

4 – “As estratégias são semelhantes às usadas por mim no Ensino Especializado de Música, normalmente alterno as aulas com uma parte de exercícios técnicos e outra de desenvolvimento de obras. Importante é o tempo de estudo por parte dos alunos que tem que ser muito bem estruturado de forma a evoluírem num curto período de tempo”.

5 – “Sim tenho um programa definido e uso maioritariamente os mesmos métodos de guitarra. Mas isso não impede de articular todos estes com as características de cada aluno e principalmente com a progressão de cada um. Existe uma esquematização que uso praticamente para todos os alunos e realizando um paralelo com o Ensino Especializado de Música: os primeiros quatro módulos correspondem normalmente ao 5º Grau; o quinto módulo ao 6º Grau; o sexto módulo ao 7º Grau; o sétimo, oitavo e nono módulo correspondem ao 8º Grau, à preparação para a Prova de Aptidão Profissional e preparação para os pré-requisitos e entrada nas Universidades. Esta organização poderá mudar se o aluno já entrar com algumas bases de Guitarra”.

4.4. Entrevista ao Professor Tiago Santos - Docente na Escola Secundária de Santa Comba Dão

A entrevista foi feita por videochamada com gravação do áudio:

1 - “Vou responder que sim, vejo agora mais recentemente, porque esta questão das escolas profissionais é um bocadinho mais recente, em que os conservatórios tem muito mais tempo, aquilo que eu vejo, o pessoal que anda aí a tocar melhor e a ganhar concursos, que conseguem vir a fazer uma pequena ou grande carreira, é pessoal que saiu de escolas profissionais efetivamente, é a ideia que eu tenho. Agora é assim, o nível de preparação eu acho que saem melhor preparados pela uma razão muito simples, claro que há casos de excelência em qualquer escola, a sempre aquele muito bom, aquele que se destaca, mas eu diria que sim a essa pergunta, porque eles no ensino profissional, se calhar já vêm aquilo de uma forma relativamente diferente ou seja, com um bocadinho mais de responsabilidade, porque já é um ensino vocacionado e acredito que se empenhem mais por essa razão, não quer dizer com isto como é obvio, que não há ensino de excelência nos conservatórios e que os alunos, podem sair também muito bem preparados, mas se calhar vai-se notar alunos mais bem preparados no ensino profissional, acredito que sim”.

2 - “Eu só entrei este ano no ensino profissional aqui em Santa Comba Dão e só tenho uma aluna que já está no 11º ano, mas entrou muito bem preparada, com formação de 5º grau, agora tive no ano letivo passado a lecionar no ensino profissional na JOBRA, nesta escola admitem alunos que não tenham estudado uma única nota na vida deles e é muito meritório o trabalho que eles fazem, porque há exemplos de grande sucesso de alunos que em três anos, conseguem fazer um trabalho enorme e conseguem desenvolver, não digo, desenvolver todas as capacidades como um aluno que passe oito anos com o instrumento, mas conseguem ter resultados muito bons”.

3 - “Aqui em Santa Comba Dão ainda não, este é o meu primeiro ano cá, mas como disse anteriormente na escola profissional da JOBRA, tive essa experiência”.

4 - “Os programas estão estruturados a nível técnico e a nível interpretativo, eu agora da experiência que tenho, nem concordo muito bem em dividir a prova em dois, uma prova interpretativa e outra técnica, dão dois nomes, eu até dei o exemplo mais básico para eles foi, não concordo muito porque, existem estudos de concerto e portanto tudo o que pode ser tocado como uma peça, pode ser um estudo, mas onde é que eu quero chegar com este

meu ponto, é precisamente nesta questão das estratégias que são usadas e que devemos dividir bem o que é a técnica e o que é a interpretação musical. As aulas aqui, são de três horas semanais, onde fazemos técnica um pouco em todas as aulas com exercícios variados, a estratégia fica sempre um pouco à liberdade do professor”.

5 – “Eu é assim, com os alunos eu escrevo tudo, peço-lhes um caderno, as vezes tiro algumas fotocópias, uso escalas do trinity que estão divididas por graus, isso eu uso para todos os alunos, também as escalas do Segóvia. Mas o que eu dou a nível técnico, podia falar do Carlevaro, por exemplo nos exercícios mais tradicionais, mas eu escrevo tudo, aproveito os livros da técnica de mão esquerda, mas na prática eu não dou o livro, escrevo os exercícios, parece-me mais fácil e prefiro fazer assim, porque o aluno não precisa dos exercícios todos, eu dou-lhe uma forma e depois ele faz o resto. Também uso os 120 estudos para a mão direita do Giuliani, que são muito bons, é uma escola que eu conheço, por exemplo do Tamayo e vejo muito bons resultados desses exercícios. Outros exercícios de técnica que eu dou, são coisas que eu aprendi em masterclass, mas não adote um método só, varia de aluno para aluno”.

4.5. Conclusão das Entrevistas

Com a realização destas quatro entrevistas, fazendo um pequeno resumo global das cinco respostas dadas por cada um dos professores do ensino profissional entrevistados, concluo que, na primeira pergunta, todos responderam que havia diferenças na aprendizagem entre alunos do ensino profissional e outros regimes, logo pela carga horária que têm das disciplinas de música, que é muito maior no ensino profissional e leva a uma evolução mais rápida em três anos. Outro dos aspetos apontados, é a idade com que entram, por norma mais avançada, e o objetivo de ingresso, que é seguir a área da música.

Na segunda pergunta, todos responderam que têm ou tiveram alunos que entraram no ensino profissional com nível adequado e também alunos com poucos conhecimentos musicais.

No que respeita à terceira pergunta, à semelhança da anterior, todos os inquiridos responderam que sim, que têm alunos que entraram no 10º ano com poucos conhecimentos musicais.

Na quarta pergunta, em que a questão é quais as estratégias que o professor usa nos três anos de curso, todos responderam que em todas as aulas, semanalmente, fazem uma parte técnica e uma outra parte em que trabalham obras de estilos musicais contrastantes, articulando com o nível e a evolução dos alunos, para que no fim dos três anos possam realizar a prova de aptidão profissional (PAP). Entre cada escola, pelo que os professores referiram, não têm todos a mesma carga horária na aula individual, uns duas horas outros três horas semanais, que acabam por equilibrar depois em aulas de música de câmara.

Na quinta e última pergunta, os professores, de uma forma geral, responderam que sim. Consideram que há um método definido, mas que deixa sempre um pouco de liberdade ao professor em articular consoante o aluno e o seu nível, na componente técnica. Alguns falaram que usam os livros do autor Abel Carlevaro, Ricardo Iznaola, Mauro Giuliani e outros exercícios que foram desenvolvendo de cariz pessoal, ao longo da sua formação e experiência como aluno e professor.

4.6. Experiência Pessoal

A minha experiência pessoal como docente em música, inicia nas atividades de enriquecimento Curricular (AEC), mais tarde no Orfeão de Abrantes em guitarra, ao mesmo tempo também dando aulas particulares deste instrumento. A experiência no ensino oficial, inicia quando estou no terceiro ano de licenciatura em guitarra no ano letivo 2011/12, quando surge o convite para lecionar aulas de guitarra em duas escolas, no ensino especializado em música na Sociedade Artística Musical dos Pousos (SAMP) e no ensino profissional, na escola de música Canto Firme de Tomar, curso esse, que abre em junção com a escola secundária Jácome Ratton.

Nesse ano de abertura, houve muitos candidatos a entrarem para o curso profissional de guitarra, cerca de dez alunos, dos quais três foram meus alunos nos três anos que se seguiram em aulas individuais, e os dez alunos em aula de conjunto, com orquestra de guitarra. No fim dos três anos de curso e com a experiência que tivemos como professores de alunos que entraram com poucos conhecimentos musicais e com a minha entrada no mestrado em ensino de música, surgiu a ideia de fazer esta proposta de exercícios de técnica, estudos e peças, para o ensino profissional, a partir do 10º Ano.

Neste momento, estamos no ano letivo 2017/18 e continuo a lecionar nestas duas escolas, no entanto, na escola profissional, houve um decréscimo de alunos de guitarra nos anos que se seguiram. Na atualidade, estão a frequentar dois alunos, um está no 10º ano, outro no 11º ano.

5. Proposta de Manual

5.1.1. Caracterização da Disciplina

A disciplina de Instrumentos integra a Componente Técnica do Curso Profissional de Instrumentista de Cordas e Teclas – Variante Guitarra (Viola dedilhada), dividindo-se em nove módulos.

Tendo em conta a especificidade do ensino de um instrumento musical, e na linha da tradição europeia, esta disciplina é ministrada em regime individual (1 professor/1 aluno).

É uma disciplina que visa o desenvolvimento individual das faculdades específicas inerentes ao desempenho instrumental, proporcionando ao aluno um domínio satisfatório

dos aspetos técnicos e expressivos. Sob a orientação exclusiva de um professor, o repertório determinado no presente programa deverá ser abordado de maneira a adaptar o trabalho a realizar consoante as necessidades de cada aluno.

A disciplina de Instrumentos tem como referência um perfil do instrumentista profissional. Deve por isso, preparar o aluno para, no seu nível, responder aos desafios colocados em situação de concerto e pela prática de música em conjunto, promover um ambiente disciplinado mas entusiasmante, que corresponda às exigências da realidade do panorama musical na atualidade, qualificar o aluno para a vida profissional sem ignorar, todavia, a previsível prossecução de estudos que é opção corrente no trajecto dos músicos, com a sua consequente preparação para o acesso ao ensino superior.

A disciplina de Instrumento, neste nível de ensino, presume conhecimentos prévios, os quais podem ter sido adquiridos através de uma aprendizagem formal, num curso básico de música, ou, entre outros da prática em bandas filarmónicas, e tunas. Por esta razão, e particularmente nos primeiros dois módulos, a escolha do repertório a abordar, o âmbito dos conteúdos técnicos e pedagógicos, e até os objectivos a atingir, têm necessariamente de ter em conta a situação particular de cada aluno e o seu estado de progressão no instrumento.

5.1.2. Visão Geral do Programa

O programa da disciplina de Instrumentos tem necessariamente um carácter abrangente e, especialmente no domínio da definição de estratégias, objectivos e repertório a abordar, terá de deixar para as definições modulares de cada instrumento muitos dos elementos que normalmente fazem parte de um programa genérico.

No programa são dadas indicações gerais sobre competências a desenvolver, objectivos pedagógicos e artísticos a atingir, planificação modular e avaliação.

É de particular importância a definição das possibilidades de repertório a abordar, que por motivos formais surge na secção intitulada “Planificações Modulares”. Esta secção é no fundo o núcleo central do programa de instrumento, já que é aí que se define com particular clareza qual o perfil programático da disciplina.

5.1.3. Competências a Desenvolver

O programa deverá ter como objectivo oferecer ao aluno uma formação musical o mais estável possível no que diz respeito ao domínio técnico e expressivo do instrumento, com um plano de trabalho agendado para cumprir um número a definir de apresentações públicas em contextos de audição, concerto ou concurso.

Devido ao grande leque de instrumentos abrangidos por esta disciplina, as competências a desenvolver serão mais detalhadamente especificadas na parte dedicada aos módulos, mas é comum a todos os instrumentos a exigência de domínio das competências seguintes:

- Técnica instrumental correspondente a um nível secundário de educação;
- Postura corporal correta;
- Noção de estilo e época;
- Afinação e rigor rítmico;
- Espírito analítico, crítico e boa acuidade auditiva;
- Boa capacidade de memorização;
- Manutenção e conhecimento do instrumento;
- Domínio de metodologias de estudo adequadas e eficazes;
- Domínio das condutas elementares da apresentação do músico em palco.

5.2. Planificações modulares

Nesta secção, será feita, de uma forma específica, a planificação modular de cada módulo, em que se vai abordar, exercícios técnicos, peças e estudos, para uma evolução sólida e gradual do aluno e para que este atinja um nível de secundário. O curso profissional tem três anos, 10º, 11º e 12º ano, dividindo-se cada ano letivo em três módulos, ou seja, um módulo por cada período de um ano letivo. Em cada semana do período, o aluno frequentará três horas semanais da disciplina de instrumento.

5.2.1. Cronograma do 10º ano

Módulos	I	II	III
Tempos letivos	38	31	30
60 min			

Quadro 14 - Cronograma do 10º ano

Módulo I – Neste módulo, terá de se ter atenção se o aluno já tem alguma formação no instrumento ou não, nos últimos anos tem sido frequente, os alunos iniciarem o curso com muito pouca formação. Por isso tenho usado, peças e estudos de um nível básico nas primeiras 15 horas do módulo, que não serão executadas na prova de avaliação final do mesmo, apenas para dar uma técnica base ao aluno. No fim deste módulo, o aluno terá de apresentar três estudos e duas peças contrastantes em época e estilo, de um nível de primeiro e segundo grau de acordo com o programa de escolas de conservatórios de música, duas escalas maiores e uma escala menor harmónica do mesmo nível.

Em cada semana deste módulo, deverá fazer-se uma hora e meia de técnica com o aluno, utilizando os cadernos de técnica 2, 3 e 4 do Autor Abel Carlevaro, utilizando exercícios da fórmula da 1 à 4, do caderno nº2 para mão direita, e para a mão esquerda, usar os exercícios de 1 ao 4 do Caderno nº3, exercícios de ligados de 1 ao 17, do Caderno nº4. O aluno deve, ainda, fazer escalas maiores e menores harmónicas em duas oitavas.

Nas primeiras 15 horas do módulo, dividido com a técnica, o aluno deve trabalhar as seguintes obras: *Vals* de, Dionisio Aguado (Anexo 3); *Vals* de, Ferdinando Carulli (Anexo 1); *Andantino* de, Joseh Kuffner (Anexo 2) e *Andantino* de, Matteo Carcassi (Anexo 4).

Para o restante das horas do módulo, deve-se continuar com os exercícios de técnica e, como sugestão de peças e estudos, trabalhar os *Estudos simples 1 e 3* de, Leo Brouwer e o estudo *Allegro op.50 nº1* de, Mauro Giuliani. Para as peças, *Landler op.9 nº4* de Johann Kaspar Mertz e *Contradanza* de, Fernando Ferrandiére.

Sugestão de outras peças e estudos:

- *Prelúdio nº1* de, Manuel Ponce;
- *Estudo op.44 nº2* de, F.Sor;
- *Danse de la Fée qui a trop mangé* de, Francis Kleynjans;
- *Andantino op.241 nº20* de, Ferdinando Carulli;
- *Adágio* de, Johann Kaspar Mertz.

Módulo II – Neste módulo, o aluno apresentará na prova de avaliação final do mesmo, três estudos e duas peças contrastantes em época e estilo, de um nível de terceiro e quarto grau de acordo com o programa de escolas de conservatórios de música, duas escalas maiores, uma escala menor harmónica e uma menor melódica do mesmo nível.

No decorrer das horas do módulo, alternando com as peças e estudos, deverá manter-se uma hora e meia de técnica semanal igual ao módulo I e os mesmos exercícios mencionados no mesmo. Acrescentam-se os exercícios do 16 ao 22, do 26 ao 31 do caderno nº3 e os exercícios de ligados do 18 ao 29 do caderno nº4.

Para a outra hora e meia semanal, o aluno deve trabalhar os seguintes estudos e peças: *Estudo op.60 nº7* de, M. Carcassi; *Estudo simples nº6* de, Leo Brouwer; *Estudo op.35 nº22* de, Fernando Sor; *Tango* de, Francisco Tárrega e *El Testament D'Amélia* de, Miguel Llobet.

Sugestão de outras peças e estudos:

- *Estudo simples nº12* de, Leo Brouwer;
- *Estudo op.6 nº2* de, Dionisio Aguado;
- *Valsa op.64 nº1* de, Francis Kleynjans;

- *Russian Bear de*, Gary Ryan;
- *Dark Eyes*, tradicional.

Módulo III - Neste módulo o aluno apresentará na prova de avaliação final do mesmo, três estudos e três peças contrastantes em época e estilo, de um nível de quarto e quinto grau de acordo com o programa de escolas de conservatórios de música, duas escalas maiores, uma escala menor harmónica e uma escala menor melódica do mesmo nível.

De igual modo, como no módulo I e II, deverá manter-se uma hora e meia de técnica, alternando semanalmente os mesmos exercícios mencionados anteriormente. Acrescentar os exercícios de acordes repetidos, da fórmula 203 à 207 do caderno nº2.

Para a outra hora e meia semanal, dever-se-á trabalhar os seguintes estudos e peças: *Estudo nº1* de, H.Villa-Lobos; *Estudo op.60 nº8* de, Matteo Carcassi; *Estudo op.31 nº3* de, Fernando Sor; *Um dia de Novembro* de, Leo Brouwer; *Adelita* de, Francisco Tárrega; *Galopp* de, Fernando Sor; *Prelude I* de, Duarte Costa.

Sugestão de outras peças e estudos:

- *Preludio nº4* de, Manuel Maria Ponce;
- *Lágrima* de, Francisco Tárrega;
- *Estudo op.30 nº17* de, Mauro Giuliani;
- *The Rose in the Garden* de, Carlo Domeniconi;
- *Estudo XI* de, Leo Brouwer;
- *Estudo op. 31 nº 20* de, Fernando Sor.

No fim do módulo III, é atingindo os objetivos propostos, o aluno conclui com sucesso o 10º ano de escolaridade, com um nível musical instrumental equivalente ao quarto ou quinto grau, na melhor das hipóteses, do ensino vocacional da música. Claro está que esta é a situação ideal. Não existem alunos iguais ou metodologias aplicadas, da mesma forma, a cem por cento a todos os alunos, por cada um tem as suas especificidades e desenvolvimento cognitivo e musical.

5.2.2. Cronograma do 11º ano

Módulos	IV	V	VI
Tempos letivos	37	32	32
60 min			

Quadro 15 - Cronograma do 11º ano

Módulo IV - Neste módulo o aluno apresentará, na prova de avaliação final do mesmo, dois estudos e duas peças contrastantes em época e estilo, de um nível de quinto e sexto grau, de acordo com o programa de escolas de conservatórios de música, duas escalas maiores, uma escala menor harmónica e uma escala menor melódica do mesmo nível.

Como nos módulos anteriores do 10º ano, o aluno deve manter uma hora e meia de técnica semanalmente, os mesmos exercícios, acrescentando os exercícios vários do Caderno nº2, da fórmula da 85 à 88 e da 189 à 195. Do Caderno nº3, deve executar os exercícios 13 e 14 e do 32 ao 49. O aluno deverá, também, inserir os primeiros exercícios de extensões para os dedos da mão esquerda, usando o Caderno nº4, exercícios nº 65 ao 77.

Para a outra hora e meia semanal, dever-se-á trabalhar os seguintes estudos e peças: *Estudo op.60 nº 23* de, Matteo Carcassi; *Estudo em forma de minueto* de, Francisco Tárrega; *Prelude nº 4* de, Heitor Villa- Lobos; *Bagatelle nº2* de, William Walton.

Sugestão de outras peças e estudos:

- *Canço del Lladre* de, Miguel Lobet;
- *Canarios* de, Gaspar Sanz;
- *Estudo op.100 nº11* de, Mauro Giuliani;
- *Estudo nº9* de Leo Brouwer;
- *Sensuel* de, Astor Piazzolla;
- *Estudo op.60 nº2* de, Matteo Carcassi.

Módulo V - Neste módulo o aluno apresentará na prova de avaliação final do mesmo, dois estudos e duas peças contrastantes em época e estilo, de um nível de sexto grau de acordo com o programa de escolas de conservatórios de música, duas escalas maiores, uma escala menor harmónica e uma escala menor melódica do mesmo nível.

Deve manter uma hora e meia de técnica semanalmente, utilizar os mesmos exercícios de técnica mencionados nos módulos anteriores, acrescentando o exercício 229 do caderno nº2 e os exercícios 58 ao 62 do Caderno nº4.

Para a outra hora e meia semanal, deve trabalhar os seguintes estudos e peças: *Estudo op. 6 nº 9* de, Fernando Sor; *Estudo nº3* de, Heitor Villa-Lobos; *Se ela Perguntar* de, Dilermando Reis; *Prelude suite nº1 BWV1007* de, J.S. Bach.

Sugestão de outras peças e estudos:

- *Estudo nº8* de, Heitor Villa-Lobos;
- *Estudo op.38 nº12* de, Naoleon Coste;
- *Estudo op.31* de, Fernando Sor;
- *Rosita* de, Francisco Tárrega;
- *Prelude I* de, Heitor Villa-Lobos;
- *Berceuse* de, Leo Brouwer.

Módulo VI - Neste módulo o aluno apresentará na prova de avaliação final do mesmo, um estudo e duas peças contrastantes em época e estilo, de um nível de sétimo grau de acordo com o programa de escolas de conservatórios de música, duas escalas maiores, uma escala menor harmónica e uma escala menor melódica do mesmo nível. Uma das peças escolhidas deverá ser um tema e variações, para o aluno entender na prática esta forma musical, também abordada teoricamente nas disciplinas de História da Cultura e das Artes e Técnica e Análise Musical, constantes do seu currículo académico.

Mantendo a hora e meia semanal de técnica e todos os exercícios dos módulos anteriores, em que se deve ir alternando a aprendizagem dos mesmos ao longo das semanas, acrescentam-se, ainda, os exercícios de notas repetidas, 196, 197, 201 e 202 do Caderno nº2 e do Caderno nº4, os exercícios de extensões nº78 e 79.

Para a outra hora e meia semanal, o aluno deve trabalhar os seguintes estudos e peças: *Estudo op.6 nº11* de, Fernando Sor; *Variações sobre um tema de Handel op.107* de, Mauro Giuliani; *Dança Característica* de, Leo Brouwer.

Sugestão de outras peças e estudos:

- *Estudo 4 e 5* de, Heitor Villa-Lobos;
- *Estudo op.38 no.22* de, Naoleon Coste;
- *Estudo op.6 no 6* de, Fernando Sor;
- *Variações sobre um tema da flauta mágica de Mozart* de, Fernando Sor;
- *Cancion y Danza nº1* de, A. Ruiz Pipó;
- *Sonatina* de, F. Moreno Torroba.

No fim do módulo VI, é atingindo os objetivos propostos, o aluno conclui com sucesso o 11º ano de escolaridade, com um nível musical instrumental equivalente ao sétimo grau, na melhor das hipóteses, do ensino vocacional da música. Claro está que esta é, à semelhança do que aconteceu no 10º ano, a situação ideal, pelas mesmas razões. A evolução musical do aluno dependerá de inúmeros fatores, inerentes à especificidade de cada um.

5.2.3. Cronograma do 12º ano

Módulos	VII	VIII	IX
Tempos letivos	37	32	32
60 min			

Quadro 16 - Cronograma do 12º ano

Módulo VII - Neste módulo o aluno apresentará na prova de avaliação final do mesmo, um estudo e duas peças contrastantes em época e estilo, de um nível de oitavo grau de acordo com o programa de escolas de conservatórios de música, duas escalas maiores, uma escala menor harmónica e uma escala menor melódica do mesmo nível. Uma das peças escolhidas, deverá incluir a técnica de trémolo, uma técnica que leva algum tempo a aperfeiçoar.

Continuando com uma hora e meia semanal de técnica, dever-se-á usar todos os exercícios indicados até aqui dos módulos anteriores, tendo o cuidado de escolher os exercícios, dependendo das obras que aluno anda a tocar.

Para a outra hora e meia semanal, sugere-se trabalhar os seguintes estudos e peças: *Estudo nº 11* de, H. Villa-Lobos; *Recuerdos de la Alhambra* de, F. Tárrega; *Les Adieux op.21* de F.Sor.

Sugestão de outras peças e estudos:

- *Cápricho Árabe* de, Francisco Tarrega;
- *Campanas del Alba* de, Eduardo Sainz de la Maza;
- *La Catedral* de, Agustín Barrios;
- *Estudo nº 6* de, H. Villa-Lobos;
- *English Suite op.31* de, John W. Duarte;
- *Estudo op.60 nº25* de, Matteo Carcassi.

Módulo VIII - Neste módulo o aluno apresentará na prova de avaliação final do mesmo, três peças contrastantes em época e estilo, de um nível de oitavo grau de acordo com o programa de escolas de conservatórios de música, duas escalas maiores, uma escala menor harmônica e uma escala menor melódica do mesmo nível.

Igualmente, como tem sido feito até este módulo, o aluno deve trabalhar todos os exercícios de técnica estudados nos módulos anteriores e manter sempre uma hora e meia semanalmente.

Para a outra hora e meia semanal, trabalhar as seguintes peças: *Sonata K.208* de, Domenico Scarlatti; *Usher Waltz* de, Nikita Koshkin; *Fantasia La Traviata* de, Francisco Tárrega.

Sugestão de outras peças:

- *Sonata K.322* de Domenico Scarlatti;
- *Suite popular Brasileira* de, Heitor Villa-Lobos;
- *Elegie* de, Johann Kaspar Mertz;
- *Chorale Prelude BWV 645* de, J.S. Bach;
- *Sarabanda de Scriabin* de, Leo Brouwer;
- *Dodici Monferrine op.12* de, Mauro Giuliani.

Módulo IX – Neste último módulo, far-se-á a preparação do recital com um máximo de duração de 30 minutos, que faz parte do trabalho final do curso, designado pelo nome de Prova de Aptidão Profissional (PAP) em junção com um trabalho teórico escolhido pelo aluno, apresentado em outro momento. O recital é sob orientação do Professor de instrumento, em que são escolhidas algumas obras contrastantes em época e estilo, interpretadas nos módulos anteriores, obras essas que devem ser de nível de oitavo grau, de acordo com o programa de escolas de conservatórios de música.

No decorrer do módulo, a hora e meia de técnica deve continuar, usando todos os exercícios executados nos módulos anteriores.

Obras a rever para o recital final:

- *Sonata K.208* de, Domenico Scarlatti;
- *Variações sobre um tema de Handel op.107* de, Mauro Giuliani;
- *Fantasia La Traviata* de, Francisco Tárrega;
- *Estudo nº 11* de, Heitor Villa-Lobos;
- *Usher Waltz* de, Nikita Koshkin.

No fim no módulo IX, e atingindo os objetivos propostos, o aluno conclui com sucesso o 12º ano de escolaridade e, obviamente, o curso profissional de instrumentista de cordas e teclas, com um nível musical instrumental equivalente ao oitavo grau, dos cursos vocacionais de música.

6. Estado Atual dos Alunos que frequentaram o Ensino Profissional

Dos três alunos que acompanhei e que frequentaram o ensino profissional, todos eles entraram no ensino superior em música. Neste ano letivo 2017/18, o Pedro Ferreira frequenta o 3º ano de licenciatura em música, variante de instrumento guitarra, na Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco (ESART), o Roberto Rodrigues, frequenta o 1º ano de Mestrado em ensino de música na Universidade de Évora (UE) e o João Semedo está no 3º ano de licenciatura na Universidade do Minho (UM), todos eles em guitarra clássica.

Este facto vem comprovar que os alunos que seguiram este programa proposto não só cumpriram um dos objetivos principais do ensino profissional, entrar no ensino superior, mas também continuam a estudar guitarra clássica.

7. Opinião de Professores do Ensino Superior

Quando um aluno conclui o 12º ano de escolaridade, pretende-se que o processo seguinte seja a entrada no ensino superior. No que diz respeito ao ensino secundário da música, independentemente do regime de frequência, coloca-se a mesma perspetiva - o ingresso no ensino superior é, de um modo geral, o culminar do processo anterior.

No sentido de compreender se existem diferenças entre os alunos que ingressam no ensino superior da música com um curso profissional ou aqueles que o fazem vindo de um curso vocacional, contactei alguns professores do ensino superior para colocar esta questão: *No seu entender, nota alguma diferença no nível ou na aprendizagem do instrumento, entre alunos que frequentam o ensino profissional ou outro regime, como por exemplo o conservatório?*

Dos quatro professores que contactei responderam três por texto.

7.1. Professor Dejan Ivanovic da Universidade de Évora (UE)

“Se Pensar na percentagem de cada um dos grupos, diria que o conservatório ganha 70%, contra 30% de alunos do ensino profissional, mas cada caso é diferente, falo no geral, o que é normal, dado que não haja muito tempo de contacto com o instrumento no caso do profissional, não é a mesma situação começar a tocar guitarra e em três anos, tentar entrar no curso superior, nesse caso o contacto com a guitarra dos alunos do conservatório tem uma maior duração, pelo menos oito anos! Acho que é uma vantagem importante, especialmente no desenvolvimento físico desse aluno. Agora, se os alunos do profissional têm mais horas de instrumento nesses três anos, ajuda mas não resolve o problema principal, que é o contacto ao longo prazo com o instrumento. Por outro lado, não é igual começar a tocar guitarra com 8 ou com 15 anos, a própria estrutura óssea de um jovem, desenvolve-se com o instrumento e com o contacto prolongado”.

7.2. Professor Artur Caldeira da Escola Superior e Artes do Espectáculo (ESMAE)

“Relativamente à questão colocada, noto que os alunos oriundos do ensino profissional vêm aparentemente mais aptos, talvez porque, ao começarem mais tarde e logo mais maduros, passam rapidamente a iniciação e tocam repertório mais avançado mais cedo; talvez seja a forma de os estimular. Porém, vêm rapidamente a revelar lacunas de base precisamente por ultrapassarem etapas que os alunos do Conservatório normalmente não ultrapassam (pelo menos em alguns...). Outra característica é a de maior indisciplina e acatamento nos alunos do sistema profissional, provavelmente pelo precoce excesso de liberdade de opções durante aquela formação”.

7.3. Professor Pedro Rodrigues da Universidade de Aveiro (UA)

“Existem algumas diferenças, os alunos de cursos profissionais, de um modo muito geral, sentem algumas dificuldades nas componentes teóricas e, conseqüentemente, a sua preparação e sedimentação cultural é mais abrupta e com maior possibilidade de lacunas. Por outro lado, a nível motivacional vejo que são alunos onde há uma maior capacidade de trabalho, normalmente fruto de um espírito de grupo e/ou necessidades de calendário que instigaram o espírito de competitividade salutar”.

7.4. Conclusão da Opinião dos Professores do Ensino Superior

Nesta questão que foi colocada aos professores, algo que se destaca na opinião deles, é os alunos do ensino profissional revelarem lacunas nas componentes teóricas, a nível cultural e a nível de técnica de base do instrumento, por passarem várias etapas em pouco tempo. Mas por outro lado, como são alunos que começam numa faixa etária muitas vezes mais elevada e mais madura, têm uma maior motivação em trabalhar para cumprir os objetivos.

Em relação aos alunos do conservatório que fazem o percurso dito normal de oito anos, o que pode ser mais, se tiverem iniciação, os professores destacam que é muito importante passarem todas as etapas de uma forma gradual, para a própria estrutura óssea se adaptar ao instrumento e para que adquiram boas bases a nível das componentes teóricas.

8. Reflexão Pessoal: Avaliação das Pesquisas

Ao iniciar este trabalho, comecei com a história do ensino profissional, de como iniciou em Portugal e de quanto a União Europeia nos influenciou na nossa estrutura do ensino, nas normas europeias que devíamos seguir e que nos levam a criar uma maior qualificação dos recursos humanos no país, e que também nos dão a oportunidade de criar os cursos profissionais de música.

Criaram-se boas escolas profissionais nesta área e as primeiras que iniciaram, destacam-se, ainda hoje, com um grande nível de excelência. A oferta de cursos profissionais de música no atual momento cresceu imenso, com quinze escolas, onze com ensino de guitarra, em que dá boas oportunidades de um jovem poder ter uma formação profissional em música. Notei também nesta pesquisa, que a zona sul do país, não tem qualquer escola profissional em música, estão todas distribuídas de Lisboa para Norte, o que leva a jovens do Sul não terem tantas oportunidades para frequentarem cursos profissionais na área da música, apenas em conservatórios.

Com a realização das entrevistas aos professores do ensino profissional, verificou-se que todas as escolas onde estes professores lecionam, têm alunos que entram com poucos conhecimentos musicais para o 10º ano e que vão adaptando o programa curricular ao nível da evolução do aluno. A nível da carga horária do instrumento, esta não é igual entre as escolas, já que umas têm duas horas semanais outras três, isto porque as têm a liberdade para distribuir mais horas em disciplinas em música de câmara. Nessas horas semanais, todos destacam a importância da técnica, em que praticamente metade da aula é dedicada à mesma, usando exercícios de vários autores, outros de cariz pessoal.

Na minha experiência pessoal no ensino profissional de música, elaborei um programa curricular, com a descrição detalhada dos nove módulos, três por cada ano do curso, em que proponho uma série de exercícios de técnica ao longo do avanço do aluno em cada módulo, exercícios esses que seguem todos o mesmo autor, ao mesmo tempo que sugiro um conjunto de peças e estudos. Este programa foi posto em prática em três alunos do ensino profissional, que iniciaram no 10º ano com poucos conhecimentos musicais, no qual eu fui o docente. No fim dos três anos, estes alunos atingiram um bom nível e conseguiram entrar no ensino superior em música.

A questão que foi feita aos professores do ensino superior mostrou algo que me surpreendeu, mas entendi perfeitamente. Todos referiram que é importante estudar o instrumento de forma gradual, para a estrutura óssea se adaptar ao instrumento e para adquirem boas bases nas componentes teóricas e isto só é possível no conservatório, no qual o curso tem a duração mínima de oito anos. Por outro lado, confirmam que os alunos do profissional, por terem mais horas de instrumento e serem mais maduros, têm uma maior objetividade no que querem fazer e logo mais motivação, mas que não resolve o problema, que é a falta de bases de técnica do instrumento.

9. Conclusão

Todo o projeto desenvolvido e descrito ao longo deste trabalho, demonstra que a metodologia utilizada foi uma metodologia empírica de natureza qualitativa, tendo como ponto de partida os três alunos de guitarra que frequentaram o curso profissional com poucos conhecimentos musicais *a priori*. Foi, assim, possível apurar durante o decorrer do trabalho, e da estruturação de um programa curricular adaptado a estes alunos, várias informações importantes sobre o tema, em que a problemática passava também pelas questões mencionadas antes, tais como:

- Qual o estado de formação musical em que os alunos entram no ensino profissional?
- Existe diferenças na aprendizagem dos alunos do ensino profissional e dos alunos de outros regimes?
- Quais as estratégias que são usadas, para os preparar a concluir o curso em três anos?

Com estas questões que foram colocadas a alguns professores do ensino profissional, concluo que todas as escolas aceitam alunos a entrarem para o ensino profissional com poucos conhecimentos musicais, porque também precisam de alunos para por o curso a funcionar. Posto isto, fica a cargo dos professores orientar os alunos da melhor maneira em

três anos, para que possam atingir o nível necessário para concluir o curso, o que tem dado bons resultados, sendo possível terminar o mesmo nos três anos com bom nível.

Em relação aos professores do ensino superior, concluí com a questão colocada e como referi anteriormente na reflexão pessoal, que apesar dos alunos atingirem um bom nível nos três anos, ficam lacunas, como na técnica base do instrumento e nas componentes teóricas.

Em relação à minha experiência pessoal, com esta proposta de programa curricular que escrevi neste trabalho, a qual pus em prática no ensino profissional com os alunos que mencionei anteriormente e que continuo a usar no atual momento, sinto que tem funcionado bem, o que confirmei com a entrada dos primeiros no ensino superior. Apesar disto, acredito que há sempre vários fatores para além de um bom programa curricular, como a motivação, perceber em que estado está o aluno, saber escolher as melhores peças/estudos, para uma evolução sólida e gradual do mesmo, para não haver bloqueios e manter uma boa motivação. Sinto, também, que isto é apenas uma proposta de alguns exercícios de técnica e obras dentro de outros tantos exemplos que existem em todos os níveis de formação do ensino do instrumento. Existirão, certamente, outras formas de orientar um aluno, em três anos, para concluir o curso profissional, tudo dependerá da formação e experiência do professor em causa e do seu percurso enquanto músico.

De um ponto de vista pessoal, esta é a minha proposta, que tem dado bons resultados.

Bibliografia

Cardim, J. C. (1999). *O Sistema de Formação Profissional em Portugal*. Luxemburgo: CEDEFOP

BOGDAN R. e BIKLEN S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*: Edição Porto Editora

DIAS, Mariana. (1986-2004) – *Participação e Poder na Escola Pública*: Edições Colibri

ESTEVES, Andreia dos Anjos Costa. (2014) – *Composição Musical na disciplina de Formação Musical no Ensino Profissional de Música: Estudo de Caso*

Fundação Calouste Gulbenkian - Sistema de Ensino em Portugal

Ministério da Educação e Ciência. (Outubro 2015) – *Educação Pré-Escolar, Ensino Básico e Secundário, Relações Internacionais, 2011-2015*

VAZ, Henrique Malheiro. (2010) – Projeto Zero, A Escola no Teatro, Significado da instância trabalho numa escola profissional artística, Estudo de Caso: Fundação Calouste Gulbenkian

Webgrafia

Câmara Municipal de Tomar, (2016). *Município de Tomar*.

Disponível em: <http://www.cm-tomar.pt/index.php/pt/municipio/concelho/historia>, a 26 de Maio 2016).

Canto Firme de Tomar, (2016). *Canto Firme de Tomar*.

Disponível em: <http://www.cantofirme.pt/instituicao/> a 26 de Maio 2016).

Enquadramento Jurídico

Decreto- Lei nº 26/89 de 21 de janeiro. *Diário da República, 1ª série – N.º 18*: Ministério da Educação e Ciência, 21 de Janeiro de 1989

Portaria n.º 221/2007 de 1 de Março. *Diário da República, 1ª Série - N.º 43*: Ministério da Educação, 1 de Março de 2007

Portaria n.º 531/95 de 2 de Junho. *Diário da República, 1ª Série-B - N.º 128*: 2 de Junho de 1995

Portaria n.º 550-C/2004 de 21 de Maio. *Diário da República, 1ª Série-B - N.º 119*: 21 de Maio de 2004

Anexos


Anexo 1 - Vals de Ferdinando Carulli

FERDINANDO CARULLI

(Napoli 1770 - Paris 1841)
begyndte sine musikalske studier på cello, for senere at gå over til guitar, som han lærte sig selv at spille.

Efter en række succesrige koncerter, slog han sig ned i Paris, hvor hans dygtighed blev respekteret og berømmet.

Carulli bliver i dag regnet for en af de største mestre på guitar. Han komponerede over 300 stykker, heriblandt 2-stemmige stykker, som er af meget høj kvalitet.



Vals

Ferdinando Carulli

33

Anexo 2 - Andantino de Joseph Kuffner

The image displays a musical score for a guitar piece titled "Andantino" by Joseph Kuffner. The score is presented in five systems of musical notation, each consisting of a single staff. The first system includes dynamic markings such as *p* (piano) and *pp* (pianissimo). The second system features a circled number 1, likely indicating a first ending or a specific fingering. The third system includes fingering notations *i* and *m* above the notes. The fourth system includes fingering notations *a*, *m*, and *i* above the notes. The fifth system includes a circled number 1. The piece is in 2/4 time and the key signature has one sharp (F#). The tempo is marked "Andantino".

Andantino

Joseph Kuffner

35

Anexo 3 - Vals de Dionisio Aguado

Vals

Dionisio Aguado

Allegretto

Ferdinando Carulli

36

Anexo 4 - Andantino de Matteo Carcassi

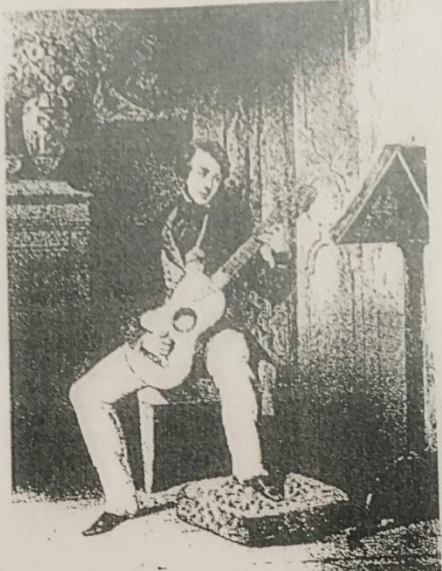
MATTEO CARCASSI

(Firenze 1792 - Paris 1833) var allerede i sine unge år en venskabsvirtuos i sit hjemland, Italien. I 1820 optrådte han for første gang i Paris og boede der i flere år. Carcassi rejste flittigt og gav flere koncerter i London, hvor han også underviste, samt i Tyskland og Italien.

Han blev hurtigt meget populær. Fordi han præsenterede en moderne stil der var mere melodisk, artistisk og publikumvenlig end den musik hans berømte forløper og rival, Carulli spillede.

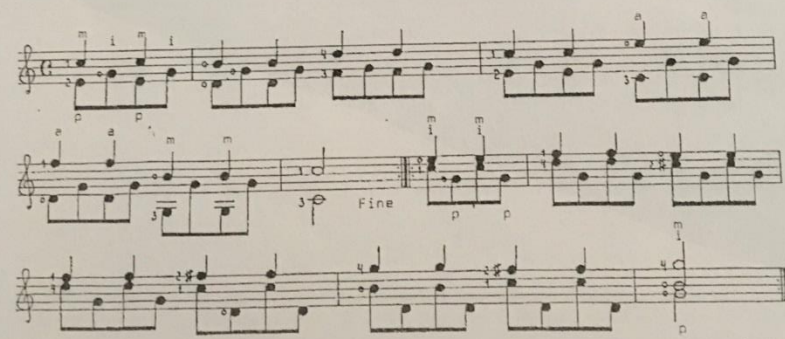
Carcassi publicerede ca. 24 værker med opnumre, totalt omkring 300 kompositioner, hvoraf de mest kendte er hans studier, opus 60 og hans guitar-skole, opus 59, der bl.a. gav anvisning på mange nye effekter som legato, vibrato og triller.

Mange af hans værker er lette at spille og hans pædagogiske sigte var at give de mange amatørguitarister materiale de kunne spille, hvilket der var stærkt behov for på den tid.



Andantino

Matteo Carcassi



D.C. al Fine

41